

# Estudos arqueológicos nas Caldas de Monchique

Relance das explorações nas necrópoles da Idade do Bronze, do ano de 1937 ao de 1949

POR

Abel Viana, Octávio da Veiga Ferreira  
e José Formosinho

---

Na ordem do tempo, será este o sexto trabalho de carácter geral publicado acerca das nossas pesquisas nas Caldas de Monchique mas, se as circunstâncias de exequibilidade, no campo material, o tivessem permitido, ele haveria aparecido em quarto lugar, tornando desnecessária a publicação do quinto, em que resumimos os resultados das investigações de 1948 e 1949.

Para mais cabal esclarecimento, explicaremos:

As primeiras escavações nas Caldas, motivadas na identificação, por A. Viana, dos primeiros túmulos, ocorreram em Maio de 1937. Procederam a elas este mesmo signatário do presente relato e J. Formosinho, do que resultou a publicação do artigo intitulado *Arqueologia pré-histórica do concelho de Monchique* (1), por ambos subscrito.

Seguiram-se as explorações de Veiga Ferreira e J. Formosinho, desde Dezembro de 1945 a Setembro de 1947, e os estudos pelos mesmos firmados — *Estação Pré-histórica do Buço Preto*

---

(1) Vid. «Ethnos», II, 369-389. Lisboa, 1942.

*ou Esgaravatadouro* <sup>(2)</sup> e *As estações da Idade do Bronze, Visigótica e Romana (Baixo Império) de Alcaria — Caldas de Monchique* <sup>(3)</sup>.

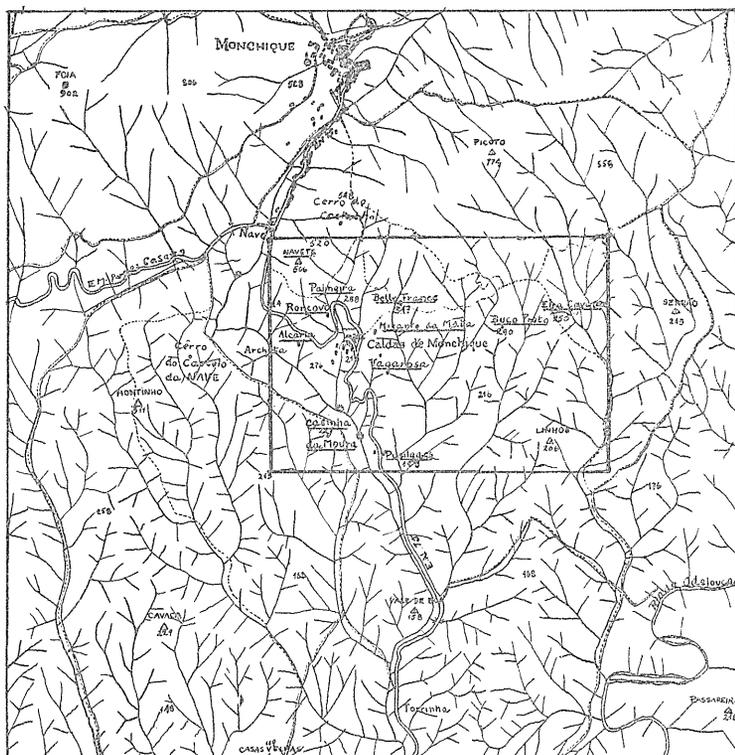


Fig. 1 — Estações arqueológicas das Caldas de Monchique (pela Carta de 1/50.000, do Instituto Geográfico e Cadastral).

Finalmente, em Setembro de 1947, A. Viana tornou às Caldas de Monchique, a fim de colaborar, agora, com os dois restantes signatários, e as publicações sucederam-se do seguinte

<sup>(2)</sup> De V. Ferreira, in «Revista do «Sindicato Nacional dos Engenheiros Auxiliares, Agentes Técnicos de Engenharia e Condutores», n.º 3, págs. 89-95. Lisboa, 1946.

<sup>(3)</sup> De J. Formosinho e V. Ferreira, na mesma Revista, n.º 23 (1948).

modo: *Duas raridades arqueológicas* (4), *Restos de caminhos romanos nas Caldas de Monchique* (5), *O conjunto visigótico de Alcaria — Caldas de Monchique* (6), *Necropolis de las Caldas de Monchique* (7), *Nuevas contribuciones para el conocimiento de la Edad del Bronce del Algarbe — Las necropolis de las Caldas de Monchique* (8), *Estudos arqueológicos nas Caldas de Monchique — Investigações de 1948-1949* (9), *Estudos arqueológicos nas Caldas de Monchique* (10).

Este último trabalho, porém, embora resumindo as investigações decorrentes desde 1937, tratou, em especial, das escavações e estudos feitos entre 1945 e 1947, pelo que, portanto — e aqui importa apenas referir o respeitante à Idade do Bronze —, os estudos, segundo o tempo em que foram redigidos e consoante a sucessão das campanhas exploratórias, e não pelas datas em que foram publicados, devem ser considerados pela ordem seguinte:

— *Estudos arqueológicos nas Caldas de Monchique*, Porto, 1953.

— *Nuevas contribuciones para el conocimiento de la Edad del Bronce del Algarbe*, Cartagena, 1950.

— *Necropolis de las Caldas de Monchique*, Madrid, 1949.

— *Estudos arqueológicos nas Caldas de Monchique — Investigações de 1948 e 1949*. Lisboa, 1950.

---

(4) *Idem*, n.º 24. Lisboa, 1948.

(5) *Idem*, n.º 29-30. Lisboa, 1948.

(6) *Idem*, n.º 33-34. Lisboa, 1949.

(7) « *Archivo Español de Arqueología* », n.º 77, Madrid, 1949.

(8) « *Cronica del I Congreso Arqueologico Nacional y del V Congreso Arqueologico del Sudeste (Almeria, 1949)* ». Cartagena, 1950.

(9) « *XIII Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências* », tomo VIII. Lisboa, 1950.

(10) « *Trabalhos de Antropologia e Etnologia* », XIV, Porto, 1953. Págs. 66 a 225.

Esta prevenção tornava-se conveniente, a fim de evitar confusões, principalmente as que podem ser suscitadas pela data da saída a público do volumoso relato de 1953.

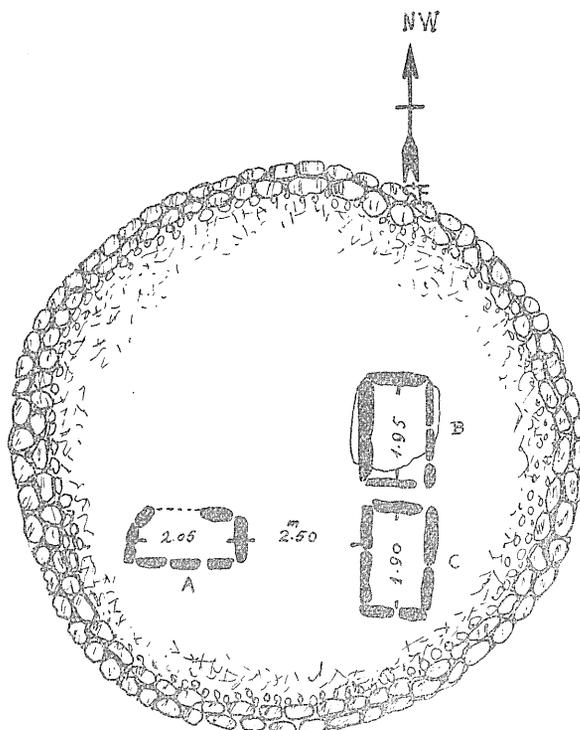


Fig. 2 — *Necrópole do Buço Preto ou Esgravatadoiro* — Planta da Mamoa que encerrava três sepulturas. A sepultura B continha contas pequenas. A sepultura A continha machados, enxós e duas lâminas de sílex assim como fragmentos cerâmicos.

A breve síntese de quanto se fez nas Caldas desde Março de 1947 até Outubro de 1949 está contida na comunicação apresentada ao XIII Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências (Lisboa, 1950), ou seja, na última publicação acima citada. Tal comunicação, todavia, por motivos contrários aos

nossos desejos, não teve número suficiente de gravuras, sendo certo que estas são de todo o ponto imprescindíveis à clareza do trabalho, à boa compreensão das descrições.

Pelas razões expostas, isto é, pela falta de correspondência cronológica entre as sucessivas tarefas exploratórias e a publica-

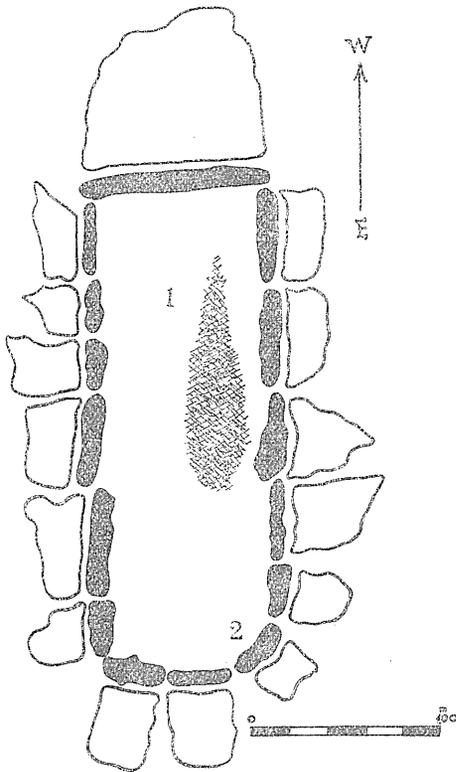


Fig. 3 — Túmulo n.º 1 da Eira Cavada.

ção dos respectivos relatos, e pela insuficiência de gravuras elucidativas de que enferma a notícia correspondente à derradeira campanha ali efectuada, estas duas razões, repetimos, levam-nos à preparação do presente artigo, no qual mais nitidamente, embora de maneira muito sucinta, se verá, em todo seu conjunto,

qual foi a nossa actividade nas necrópoles da Idade do Bronze por nós descobertas e estudadas nas Caldas de Monchique.

\*

Os monumentos funerários que exploramos nas Caldas pertencem à 1.<sup>a</sup> e à 2.<sup>a</sup> Idade do Bronze Mediterrânico. O primeiro período está representado por cistas megalíticas, em muitos casos formando como que pequenas galerias cobertas, sempre inclusas em mamoadas cujo diâmetro, em média, anda por cerca de 10 metros.

Estas mamoadas estavam mais ou menos arrasadas, mas calculamos em cerca de 4 metros a sua altura primitiva. Acerca da contextura de túmulos e mamoadas, julgamos ter dito o bastante noutros trabalhos nossos. Quanto às mamoadas dos túmulos escavados em 1948 e 1949, vejam-se as Ests. I, I-III, 4 e VI, 1 e 4, aqui insertas. Cada mamoadinha continha seu túmulo, mas houve uma que cobria três (Fig. 2).

Nos trabalhos antecedentes, pormenorizamos, também, o que de essencial havia a dizer a respeito da arquitectura das caixas tumulares, com excepção das que exploramos no decurso de 1948-1949.

Trata-se, pois, de um período enquadrado na chamada *cultura dolménica* (2000-1700 a. C.).

O outro período está representado por cistas de tipo argárico, mais ou menos agrupadas em alinhamentos paralelos entre si, no estilo das que aparecem por quase todo o Baixo Alentejo e no Algarve, abundantíssimas em determinados pontos.

Explorações anteriores a 1948

Como foi tudo já descrito nas supracitadas publicações, limitar-nos-emos, agora, à simples enumeração das estações, monu-

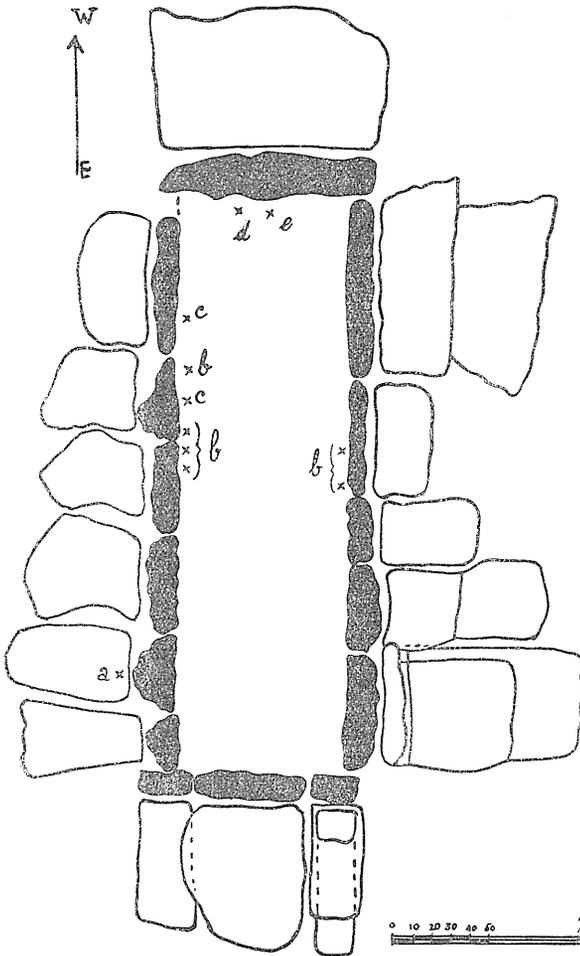


Fig. 4 — Túmulo n.º 6 do Buço Preto.

mentos e espólios. Na Fig. 1 pode verificar-se a localização de cada sítio mencionado.

*Roncovo, Rincovo ou Rencovo.* Um túmulo megalítico destruído em 1937, por motivo de trabalhos agrícolas. Colheram-se dois machados de pedra polida, uma enxó e dois ídolos-placas, de xisto.

*Olival de Júdice Samora.* Restos de um túmulo megalítico muito desmantelado. Observado em 1937.

*Buçó Preto, ou Esgaravatadouro.* Cinco túmulos explorados em 1937 e 1945. Espólio recolhido: 6 machados, 7 enxós, duas goivas, 9 facas e fragmentos de facas, 5 micrólitos trapezoidais, um furador de sílex, uma lasca de sílex afeiçoada em ponta; 28 pequeninas contas discóides, de xisto cinzento-escuro; uma conta de colar, grande, de calafte; alguns pequenos fragmentos de vasos cerâmicos.

Achado isoladamente: um machado de grandes dimensões.

*Palmeira.* Dezasseis túmulos. Espólios: 25 machados de pedra polida; 23 enxós, 3 goivas, um escopro, um duplo cinzel; 33 facas de sílex e outras rochas, umas inteiras, outras fragmentadas e incompletas; um fragmento de serra de sílex; 55 micrólitos trapezoidais, 2 micrólitos triangulares; metade de uma ponta de serra, de sílex; uma lâmina de sílex, uma lâmina de quartzo, um braçal de arqueiro, de xisto; um enfeite de colar, de serpentina; um pingente de colar, trapezoidal, de barro; 3 contas grandes de calaíte, 4 de serpentina e duas de xisto; 1.460 pequeninas contas discóides, de xisto; 3 pequenas pedras que serviram de mós e duas que foram utilizadas como pilões; 20 urnas de barro, completas ou quase e muitos fragmentos de outras; um fragmento de caixa de barro, oblonga; um fragmento de tampa de um vaso de barro idêntico ao atrás citado.

Achados soltos: 4 machados, uma enxó e um percutor.

*Quinta da Francesa, ou Belle-France.* Três túmulos. Espólio: Um machado de pedra polida; 6 facas e fragmentos de facas de sílex; 2 micrólitos trapezoidais; duas lascas de basanita e uma

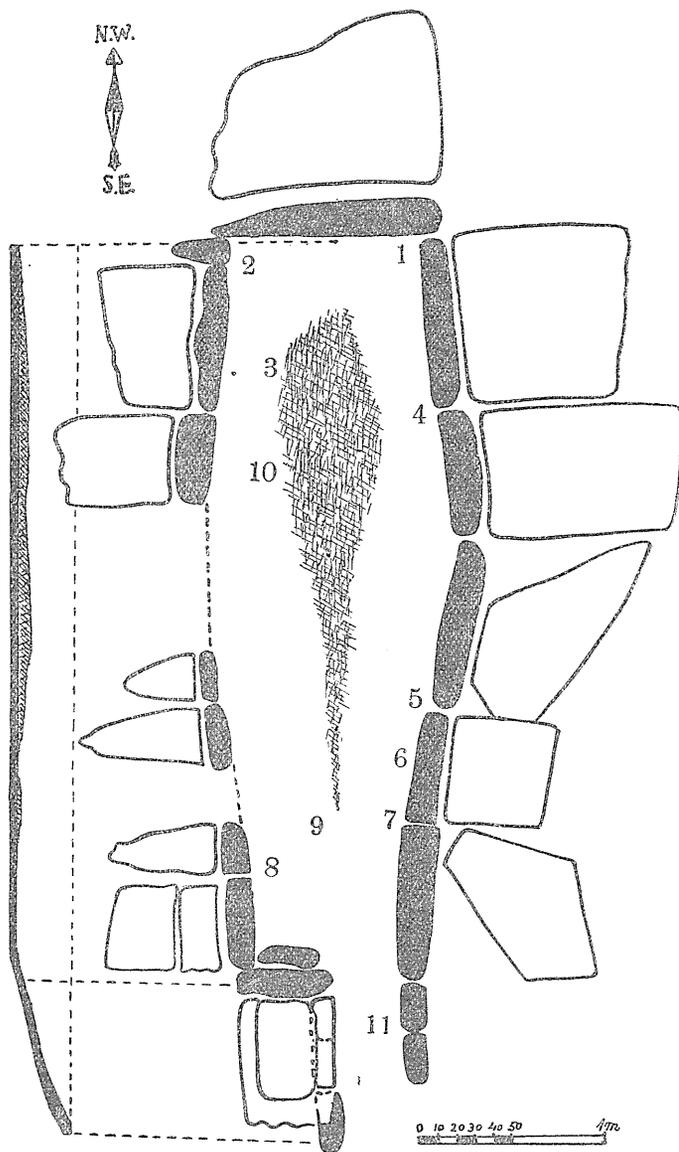


Fig. 5 — Túmulo n.º 7 do Buço Preto: (1, 2, 3, 5, 7, 9 e 11) — Pontas de seia e micrólitos trapezoidais; (10) — Ídolo-placa, de xisto; (3 e 9) — Pequenas contas discóides; (1, 7 e 8) — Facas; (4, 5, 6, 7 e 8) — Machados; (4) — Bloco de hematite (corante vermelho).

de anfibolite, esta afeçoada em furador; um pequeno núcleo de sílex; um machado de cobre, partido no talão e envolto numa

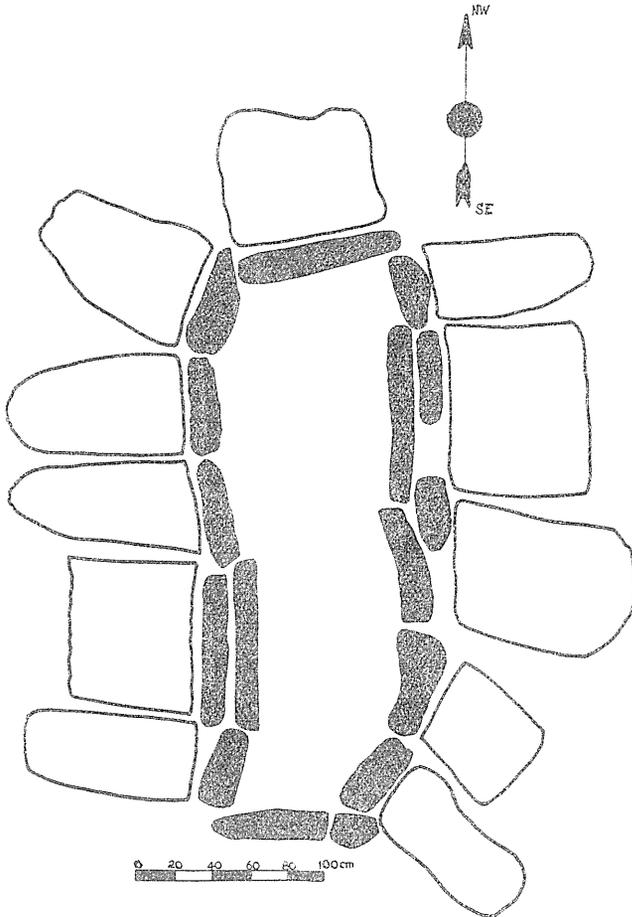


Fig. 6 — Túmulo n.º 1 da necrópole do Mirante da Mata, Caldas de Monchique.

pequena tira de pano de linho; diversos pequenos fragmentos de vasilhas de barro, entre os quais um com protuberâncias mami-lares.

*Navete.* Um túmulo, no qual nada se encontrou, apesar de parecer inviolado e de apresentar a mamoa muito bem construída e conservada.

Achados isolados na área em redor: 2 machados e um escopro.

*Alcaria.* Vinte e uma cistas de tipo argárico. Uma delas fora aproveitada na época do domínio visigótico e tinha como espólio uma sertã de cobre; um punhal, uma fivela e um anel de bronze; uma lança de ferro.

Nas restantes, assim como no espaço intercalar das cistas, achou-se o seguinte: duas urnas cerâmicas, quase completas, e muitos fragmentos de outras; três punhais de cobre; uma serra de sílex; um pendente de barro vermelho, com o feitio de sanguessuga, ou de pequenino chouriço, análogo aos de bronze, com a mesma forma e da mesma época.

*Mirante da Mata.* Quatro cistas abertas em 1927 por um indivíduo da localidade, dono do terreno. Apenas pudemos observá-las em 1937, e examinar alguns objectos delas provenientes: três urnas, uma delas de grandes dimensões, carenada e ornada de mamilos.

*Pocilgais.* Uma cista. Continha uma pequena urna com decoração incisa.

*Vagarosa.* Duas cistas, sem espólio.

*Casinha da Moura, ou Ladeira Formosa.* Uma cista, sem espólio.

#### Investigações de 1948

As escavações deste ano realizaram-se de 6 a 14 de Julho. Os locais pesquisados foram o *Buço Preto* e, centenas de metros para Leste, a *Eira Cavada*.

No primeiro, exploramos:

TÚMULO N.º 7 DO BUÇO DO PRETO. — A nordeste dos túmulos escavados em anos antecedentes, ocupando um pequeno cabeço e oculta por espessa moita de medronheiros, estava uma

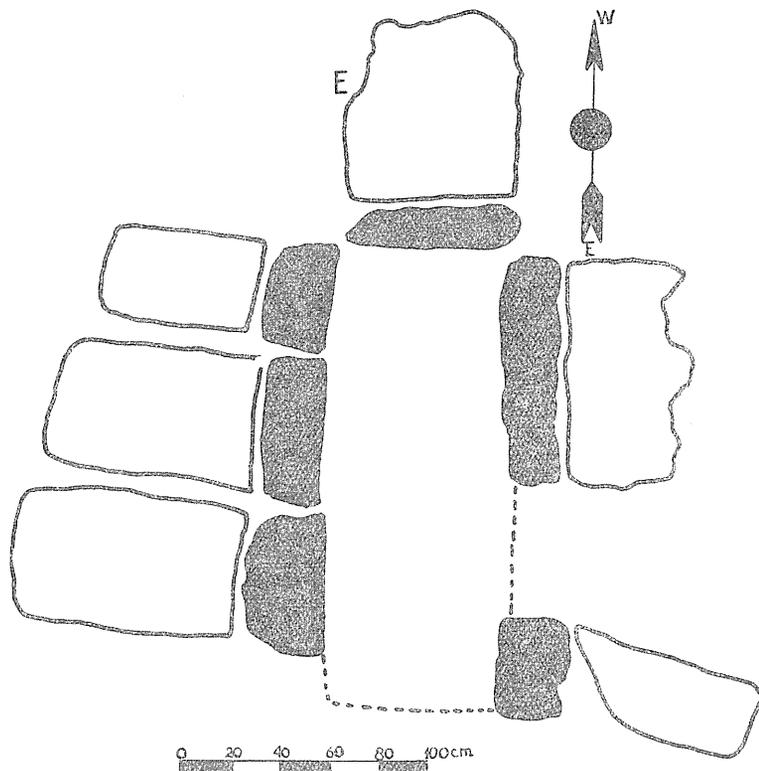


Fig. 7 — Túmulo n.º 2 da necrópole do Mirante da Mata, Caldas de Monchique.

avultada mamoa, regularmente conservada. Nela se nos deparou um grande túmulo, diferente dos de todos os tipos até então descobertos naquela zona do Algarve.

Quer pelo tamanho, quer pelas dimensões, quer pelo mobiliário fúnebre, assemelha-se à famosa galeria coberta de Nora,

também no Algarve. Assim, tal como aquela, este monumento do Buço Preto mostra, igualmente, uma cripta trapezoidal (Fig. 5) precedida de um átrio rectangular cujo acesso era feito por um pequeno corredor. Entre o corredor e o átrio, atravessava-se uma laje, a servir de porta.

O túmulo tem 4<sup>m</sup>,90 de comprimento e 1<sup>m</sup>,30 de largura máxima. A maior altura dos esteios é de 1 metro.

Pela parte interna destes, próximo da entrada, acharam-se as três pedras triangulares que apresentamos na Est. IV, n.º 4. Nas Ests. I, II, III e IV mostramos numerosos pormenores da construção deste túmulo, sem dúvida um dos mais notáveis da região das Caldas de Monchique, até mesmo do Algarve.

O mobiliário fúnebre dispunha-se pela maneira por que vai indicado na planta (Fig. 5): n.ºs 1, 2, 3, 5, 7, 9 e 11 — pontas de seta e micrólitos trapezoidais; 3 e 9 — pequeninas contas discóides; 4 a 8 — machados; 4 — bloco de hematite; 10 — ídolo-placa, de xisto. A mancha longitudinal no meio da câmara representa afloramento rochoso.

O espólio obtido foi o seguinte:

Comprido machado, de secção quase cilíndrica. Comprimento 0<sup>m</sup>,246; espessura máxima, quase a meio 0<sup>m</sup>,050 e 0<sup>m</sup>,057 (Fig. 10, n.º 1; Est. IX, 1).

Pequeno machado, muito espesso. Comp. 0<sup>m</sup>,074; larg. 0<sup>m</sup>,0455; espes. 0<sup>m</sup>,031 (Fig. 11, n.º 2; Est. X, 7).

Enxó bastante larga e um pouco dissimétrica. Comp. 0<sup>m</sup>,0675; larg. 0<sup>m</sup>,039; espes. 0<sup>m</sup>,015 (Fig. 11, n.º 3; Est. X, 12).

Enxó estreita, com pequeno gume. Comp. 0<sup>m</sup>,083; larg. 0<sup>m</sup>,029; espes. 0<sup>m</sup>,0135 (Fig. 11, n.º 4; Est. X, 3).

Enxó com extensas mutilações em um dos flancos. Comp. 0<sup>m</sup>,095; larg. 0<sup>m</sup>,0495; espes. 0<sup>m</sup>,0185 (Fig. 15, n.º 23; Est. X, 5).

Vinte pontas de seta, de sílex. Dimensões de algumas: n.º 1 — altura 0<sup>m</sup>,028, base 0<sup>m</sup>,014; n.º 2 — 0<sup>m</sup>,032 × 0<sup>m</sup>,015; n.º 5 —

$0^m,027 \times 0^m,014$ ; n.º 6 —  $0^m,019 \times 0^m,012$ ; n.º 17 —  $0^m,033 \times 0^m,012$ ; n.º 18 —  $0^m,017 \times 0^m,007$ ; n.º 26 —  $0^m,034 \times 0^m,015$

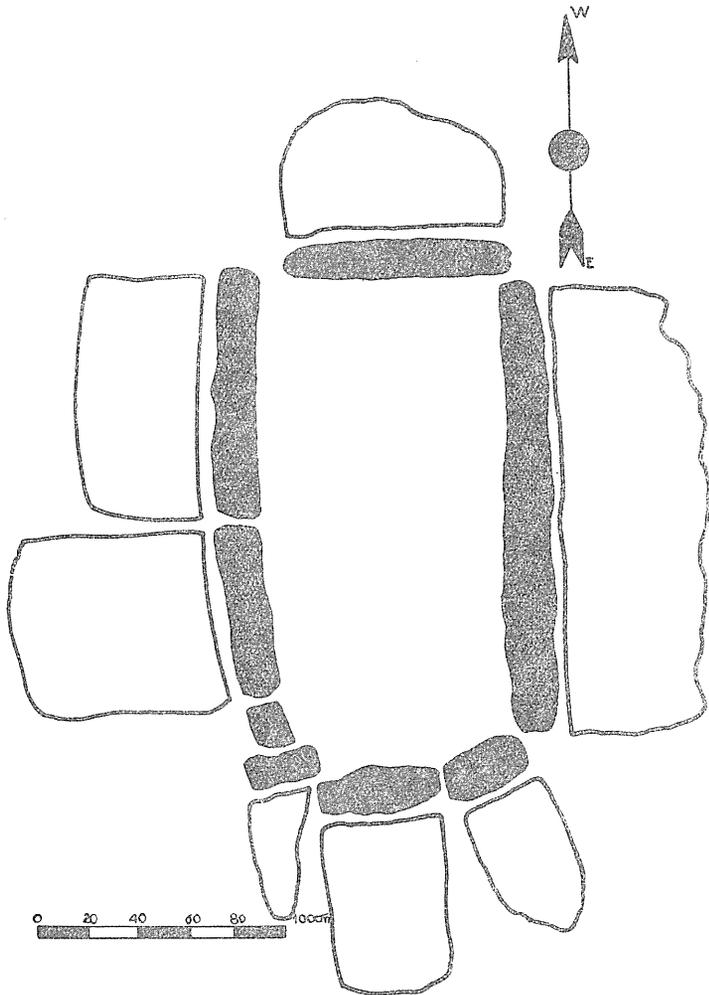


Fig. 8 — Túmulo n.º 2 da necrópole da Eira Cavada, Caldas de Monchique.

(Fig. 18; Est. XI, 1 a 8, 10 a 12 e 16. Não foram fotografados os n.ºs 10 e 14).

Quatro micrólitos trapezoidais, com as seguintes dimensões:

Base maior 0<sup>m</sup>,026; b. menor 0<sup>m</sup>,008; altura 0<sup>m</sup>,013; espes. 0<sup>m</sup>,003.

Base maior 0<sup>m</sup>,018; b. menor 0<sup>m</sup>,0035; alt. 0<sup>m</sup>,0095; espes. 0<sup>m</sup>,002.

Base maior 0<sup>m</sup>,029; b. menor 0<sup>m</sup>,010; alt. 0<sup>m</sup>,015; espes. 0<sup>m</sup>,002.

Base maior 0<sup>m</sup>,017; b. menor 0<sup>m</sup>,009; alt. 0<sup>m</sup>,008.

(Fig. 18, n.ºs 15 e 17; Fig. 19, n.ºs 19 e 24; Ests. XI, 13 e XII, 4. Os outros dois não foram fotografados).

Metade superior de uma faca de sílex, com um dos bordos retocado à mansira de serra. Comp. 0<sup>m</sup>,047; larg. 0<sup>m</sup>,012 (Fig. 19, n.º 21; Est. XII, 8).

Dois fragmentos de facas, com 0<sup>m</sup>,015 e 0<sup>m</sup>,018 de largura, respectivamente (Fig. 19, n.ºs 22 e 23; Est. XII, 9 e 10).

Quatro pontas de sílex que podiam ter servido de pequenos furadores, ou de pontas de seta. Dimensões:

Comp. 0<sup>m</sup>,023; larg. 0<sup>m</sup>,0095; espes. 0<sup>m</sup>,002.

Comp. 0<sup>m</sup>,017; larg. 0<sup>m</sup>,0095; espes. 0<sup>m</sup>,0065.

Comp. 0<sup>m</sup>,026; larg. 0<sup>m</sup>,0115; espes. 0<sup>m</sup>,0035.

Comp. 0<sup>m</sup>,031; larg. 0<sup>m</sup>,006; espes. 0<sup>m</sup>,003.

(Fig. 19, n.ºs 18, 18-a, 20 e 25; Est. XI, 9, 16 e 19. A 18-a não foi fotografada).

Lasca de sílex com uma das extremidades afeiçãoada em raspadeira. Comp. 0<sup>m</sup>,028; larg. 0<sup>m</sup>,015 (Fig. 20, n.º 5; não foi fotografada).

Lasca residual, de sílex branco zonado de roxo. Comp. 0<sup>m</sup>,0255; larg. 0<sup>m</sup>,014; espes. 0<sup>m</sup>,006 (Fig. 18, n.º 10; não foi fotografada).

Vinte pequeninas contas discóides, de xisto negro (Fig. 20, n.º 13-a; Est. XII, 16).

Uma conta de calaíte, muito grosseira. Alt. 0<sup>m</sup>,009; diâm. 0<sup>m</sup>,011 (Fig. 20, n.º 11; Est. XII, 14).

Uma pequenina conta chata, de concha de marisco (Fig. 20, n.º 13; Est. XII, 15).

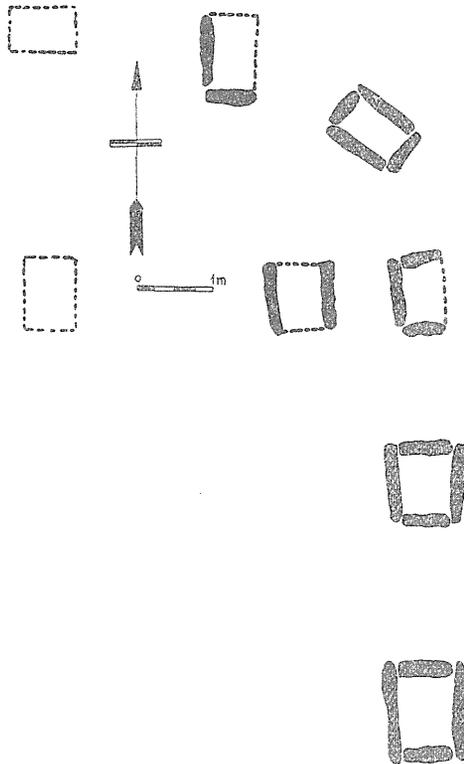


Fig. 9 — Planta da necrópole da Vagarosa, Caldas de Monchique.

Um fragmento de ídolo-placa, de xisto. Dimensões actuais: Alt. 0<sup>m</sup>,067; larg. 0<sup>m</sup>,059; espes. 0<sup>m</sup>,005 (Figs. 16 e 17; Est. XII, 17).

Um bloco de hematite (xisto ferruginoso hematítico) de contorno elipsoidal, irregular mas de espessura quase uniforme.

Tem uma face alisada. Tinge de vermelho intenso, vivo. Comp. 0<sup>m</sup>,150; larg. máx. 0<sup>m</sup>,0805; espes. máx. 0<sup>m</sup>,061.

TÚMULO N.º 6 DO BUÇO PRETO. — (Fig. 4; Ests. III, 3, 4, 5 e 6; IV, 2).

Duas centenas de metros a sudoeste do túmulo n.º 7, viam-se aflorar os topos dos esteios mais altos do túmulo a que demos o número 6. Se na ordem da descrição antecipamos a daquele, foi porque a importância, ou interesse arqueológico, do n.º 7 é muito maior.

A porção cimeira da mamoa havia já desaparecido. Feita a escavação, deparou-se-nos mais um túmulo de planta rectangular, com 3 metros de comprido por 0<sup>m</sup>,80 a 0<sup>m</sup>,90 de largura.

Conforme a regra, um dos topos era formado por uma só laje, de 1<sup>m</sup>,10 de comprimento e 0<sup>m</sup>,70 de altura. Na outra extremidade, uma laje, também bastante larga, estava apoiada, de cada lado, em um esteio estreito, funcionando estes como ombreiras e aquela de porta.

Um dos esteios laterais do lado direito da porta era reforçado exteriormente por um esteio mais baixo.

Apesar da relativa grandeza deste túmulo, pouco dentro dele se encontrou. Ao consolidarmos, no lado esquerdo, o segundo esteio a contar da entrada, ou seja, do topo oriental, surgiram-nos onze instrumentos de pedra polida (sete machados e quatro enxós) sobrepostos entrecruzadamente, dois a dois.

A posição dos objectos era como se vê na Fig. 4: *a*) machados e enxós; *b*) micrólitos trapezoidais; *c*) facas, de tipo vulgar; *d*) alisador; *e*) faquinha espessa, de rocha negra.

Eis a descrição do material recolhido:

Machado com algumas mossas na superfície. Comp. 0<sup>m</sup>,122; larg. 0<sup>m</sup>,055; espes. 0<sup>m</sup>,033 (Fig. 12, n.º 5; Est, IX, 2).

Machado. Gume muito perfeito, como em quase todos os

outros exemplares. Mostra duas ligeiras depressões transversais.

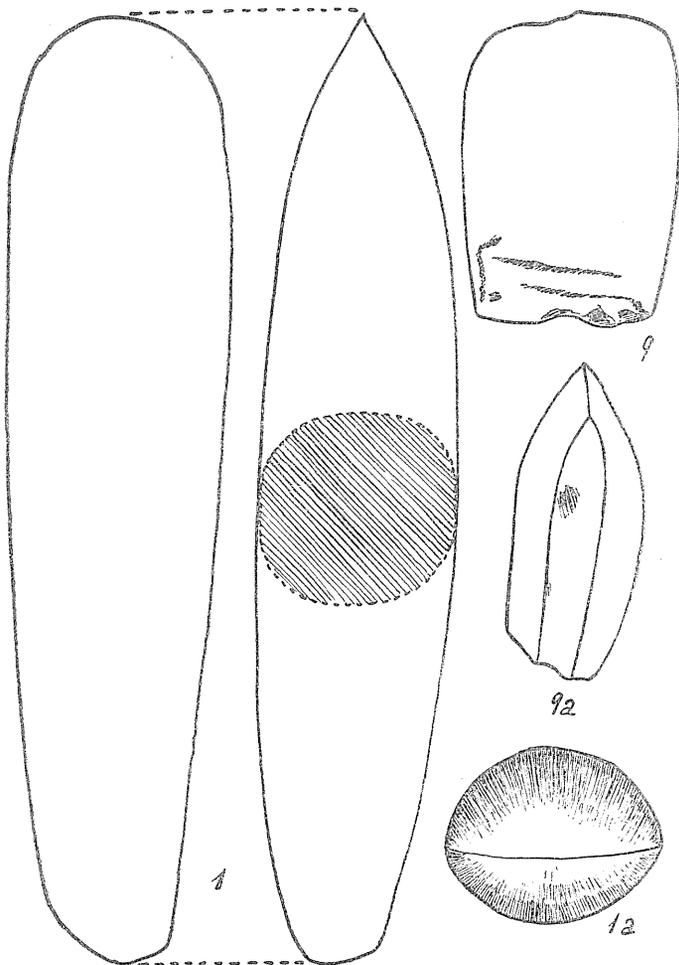


Fig. 10 — N.º 1 — Tûmulo n.º 7 do Buço Preto; n.º 9 — Tûmulo n.º 6 do Buço Preto.

Comp.  $0^m,085$ ; larg.  $0^m,0515$ ; espes.  $0^m,0265$  (Fig. 13, n.º 11; Est. IX, 3).

Machado com ligeiras mutilações em um dos flancos e junto ao talão. Comp. 0<sup>m</sup>,0835; larg. 0<sup>m</sup>,0545; espes. 0<sup>m</sup>,0285 (Fig. 15, n.º 8; Est. X, 2).

Machado com algumas mutilações no gume. Falta-lhe o talão. Comp. 0<sup>m</sup>,081; larg. 0<sup>m</sup>,0545; espes. 0<sup>m</sup>,029 (Fig. 10, n.º 9; Est. X, 1).

Machado curto e muito espesso. Comp. 0<sup>m</sup>,077; larg. 0<sup>m</sup>,045; espes. 0<sup>m</sup>,035 (Fig. 11, n.º 10; Est. IX, 8).

Machado com algumas mutilações num dos flancos e no talão. Comp. 0<sup>m</sup>,109; larg. 0<sup>m</sup>,063; espes. 0<sup>m</sup>,027 (Fig. 13, n.º 6; Est. IX, 10).

Machado de gume muito apurado mas com uma das faces ondulada, ao passo que a outra é perfeitamente convexa. Comp. 0<sup>m</sup>,092; larg. 0<sup>m</sup>,059; espes. 0<sup>m</sup>,0345 (Fig. 12, n.º 7; Est. IX, 9).

Enxó muito longa. Comp. 0<sup>m</sup>,1105; larg. 0<sup>m</sup>,039; espes. 0<sup>m</sup>,0145 (Fig. 14, n.º 12; Est. IX, 5).

Enxó. Comp. 0<sup>m</sup>,090; larg. 0<sup>m</sup>,042; espes. 0<sup>m</sup>,013 (Fig. 12, n.º 13; Est. X, 8).

Enxó. Comp. 0<sup>m</sup>,073; larg. 0<sup>m</sup>,043; espes. 0<sup>m</sup>,012 (Fig. 11, n.º 14; Est. X, 6).

Enxó. Comp. 0<sup>m</sup>,072; larg. 0<sup>m</sup>,0335; espes. 0<sup>m</sup>,0125 (Fig. 13, n.º 15; Est. X, 13).

Alisador com forma semelhante à de uma cigarrilha. Secção quase rectangular. Comp. 0<sup>m</sup>,0685; larg. 0<sup>m</sup>,013; espes. 0<sup>m</sup>,009 (Fig. 20, n.º 12 e Fig. 11, n.º 16; Est. XII, 11).

Micrólito trapezoidal, de sílex. Base maior 0<sup>m</sup>,023; base menor 0<sup>m</sup>,010; alt. 0<sup>m</sup>,015; espes. 0<sup>m</sup>,002 (Fig. 19, n.º 3; não fotografado).

Micrólito trapezoidal. B. maior 0<sup>m</sup>,033; b. menor 0<sup>m</sup>,0045; alt. 0<sup>m</sup>,008; espes. 0<sup>m</sup>,002 (Fig. 19, n.º 2; Est. XII, 1).

Micrólito trapezoidal. B. maior 0<sup>m</sup>,021; b. menor 0<sup>m</sup>,0145; alt. 0<sup>m</sup>,012; espes. 0<sup>m</sup>,006 (Fig. 20, n.º 8; Est. X, 4-B. P.).

Micrólitro trapezoidal. B. maior  $0^m,024$ ; b. menor  $0^m,011$ ; alt.  $0^m,016$  (Fig. 19, n.º 1; Est. XI, 18).

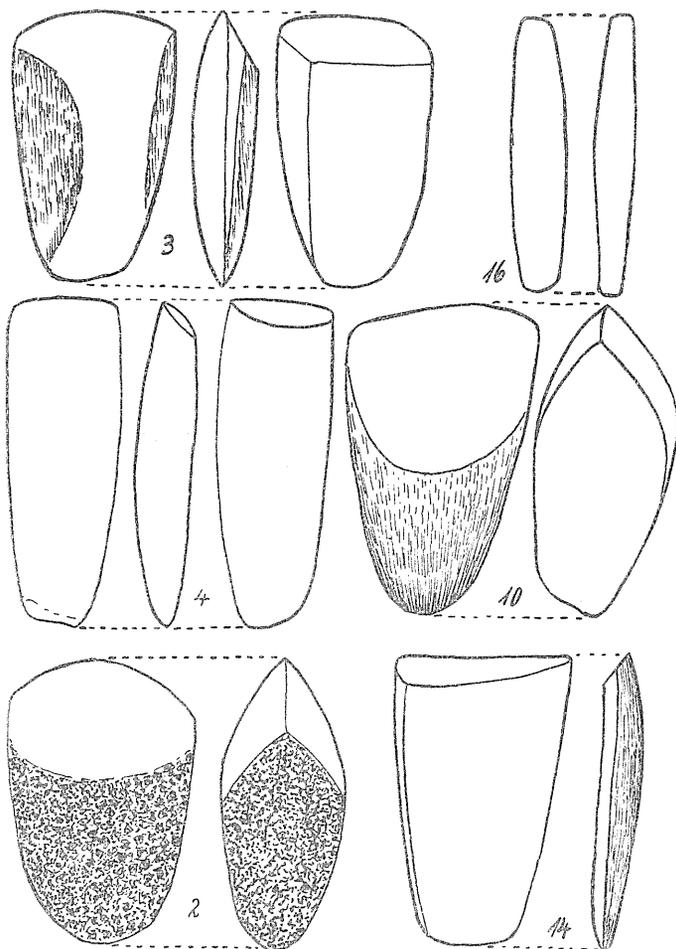


Fig. 11 — N.ºs 2, 3 e 4 — Túmulo n.º 7 do Buço-Preto. N.ºs 10, 14 e 16 — Túmulo n.º 6 do Buço Preto.

Micrólitro trapezoidal. B. maior  $0^m,018$ ; b. menor  $0^m,003$ ; alt.  $0^m,009$  (Fig. 20, n.º 7; Est. XII, 7).

Micrólito trapezoidal. B. maior  $0^m,024$ ; b. menor  $0^m,005$ ; alt.  $0^m,013$  (Fig. 20, n.º 8; Est. XII, 3).

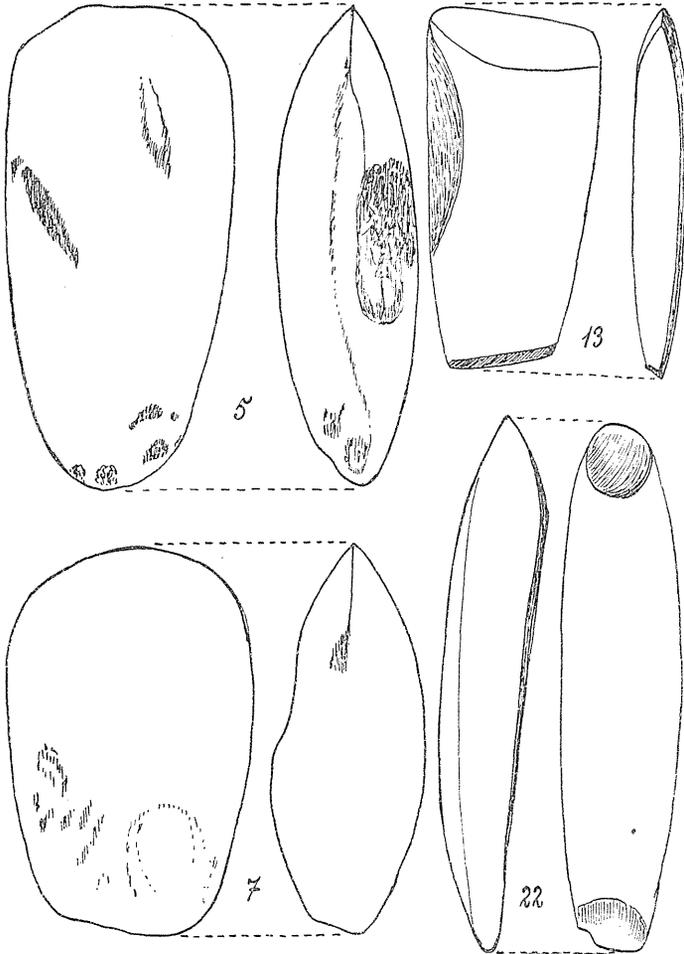


Fig. 12 — N.ºs 5, 7 e 13 — Túmulo n.º 6 do Buço Preto; n.º 22 — Túmulo n.º 1 da Eira Cavada.

Faquinha espessa, de rocha muito negra e de secção pentagonal. Comp.  $0^m,061$ ; larg.  $0^m,012$ ; espes.  $0^m,006$  (Fig. 19, n.º 7; Est. XII, 12).

Faca de sílex, muito pequena, de secção triangular. Comp. 0<sup>m</sup>,048; larg. 0<sup>m</sup>,012; espes. 0<sup>m</sup>,004 (Fig. 19, n.º 6; Est. XI, 21).

Fragmento de faca, representando pouco mais da metade inferior. Comp. 0<sup>m</sup>,028; larg. 0<sup>m</sup>,015 (Fig. 20, n.º 5; não fotografada).

OBJECTOS DISPERSOS: — Na área do Buço Preto recolhemos duas peças isoladas, as quais, como as encontradas em ocasiões anteriores, devem provir de túmulos desfeitos pelos trabalhos agrícolas, pois eles têm aparecido precisamente em nesgas de terra lavrada:

Machado. Comp. 0<sup>m</sup>,057; larg. 0<sup>m</sup>,042; espes. 0<sup>m</sup>,023 (Fig. 13, n.º 24; Est. X, 4).

Escopro, com mutilações no gume e no talão. Comp. actual 0<sup>m</sup>,0835; larg. 0<sup>m</sup>,027; espes. 0<sup>m</sup>,0215 (Fig. 15, n.º 25; Est. X, 11).

TÚMULO N.º 1 DA EIRA CAVADA. — (Fig. 3; Est. V, 2 e 3). Entre as Caldas de Monchique e o sítio da Eira Cavada, na falda meridional da *Picota* (Vid. Fig. 1), medeiam, aproximadamente, três quilómetros em linha recta mas, com os torcicolos do caminho através penedias e íngremes ladeiras, a distância torna-se consideravelmente maior. A paisagem circundante é das mais belas.

Havíamos notado aí vestígios de mamoa, pelo que, resolvemos efectuar uma sondagem. Nos restos da primeira mamoa a escavação patenteou-nos um túmulo do tipo rectangular; com 2<sup>m</sup>,60 de comprimento por 0<sup>m</sup>,85 de largura. Devido às irregularidades do solo, um dos topos ficou ligeiramente arredondado.

Tal como o sexto túmulo do Buço Preto, os esteios laterais são pequenos mas numerosos e de feitio variado. O fundo, devido a uma crista de rocha situada quase a meio, em direcção paralela ao eixo longitudinal do túmulo, é também muito irregular.

No conjunto, a construção é tosca, das menos cuidadas que temos visto nestas necrópoles das Caldas. A mesma imperfeição e rudeza mostram os instrumentos de pedra polida que nele colhemos.

Eis o material apurado :

Machado grande, muito bem polido no gume e com toda a superfície do talão meticulosamente picada. Comp. 0<sup>m</sup>,140; larg. 0<sup>m</sup>,060; espes. 0<sup>m</sup>,044 (Fig. 15, n.º 17; Est. IX, 4).

Machado muito irregular nos flancos e no talão. Comp. 0<sup>m</sup>,114; larg. 0<sup>m</sup>,046; espes. 0<sup>m</sup>,043 (Fig. 14, n.º 18; Est. IX, 7).

Enxó fabricada numa delgada lasca de xisto rijo. Comp. 0<sup>m</sup>,1145; larg. 0<sup>m</sup>,034; espes. 0<sup>m</sup>,013 (Fig. 14, n.º 19; Est. IX, 6).

Enxó de xisto metamórfico. Exemplar grosseiro e fracturado ao tempo da tumulação. Comp. actual 0<sup>m</sup>,071; larg. 0<sup>m</sup>,028; espes. 0<sup>m</sup>,0155 (Fig. 13, n.º 20; Est. X, 10).

Goiva de xisto pouco rijo, com as zonas de estratificação muito nítidas. Irregularíssimo em toda a superfície. Comp. 0<sup>m</sup>,1135; larg. 0<sup>m</sup>,028; espes. 0<sup>m</sup>,017 (Fig. 14, n.º 21; Est. X, 9).

Formão de xisto metamórfico. Comp. 0<sup>m</sup>,133; larg. 0<sup>m</sup>,0285; espes. 0<sup>m</sup>,021 (Fig. 12, n.º 22; Est. X, 14).

Micrólito trapezoidal, de sílex branco. Base maior 0<sup>m</sup>,023; base menor 0<sup>m</sup>,004; alt. 0<sup>m</sup>,013; espes. 0<sup>m</sup>,002 (Fig. 20, n.º 8; Est. XI, 17).

Idem, idem. B. maior 0<sup>m</sup>,018; b. menor 0<sup>m</sup>,008; alt. 0<sup>m</sup>,015; espes. 0<sup>m</sup>,002 (Fig. 20, n.º 9; Est. XII, 5).

Idem, idem. B. maior 0<sup>m</sup>,020; b. menor 0<sup>m</sup>,0185; alt. 0<sup>m</sup>,009; espes. 0<sup>m</sup>,002 (Fig. 20, n.º 4; Est. XI, 14).

Idem, idem. B. maior 0<sup>m</sup>,029; b. menor 0<sup>m</sup>,003; alt. 0<sup>m</sup>,011; espes. 0<sup>m</sup>,003 (Fig. 20, n.º 3; Est. XI, 20).

Idem, idem. B. maior 0<sup>m</sup>,0155; b. menor 0<sup>m</sup>,010; alt. 0<sup>m</sup>,009; espes. 0<sup>m</sup>,002 (Fig. 20, n.º 1; Est. XII, 2).

Microólito trapezoidal. B. maior  $0^m,026$ ; b. menor  $0^m,008$ ; alt.  $0^m,014$  (Est. XII, 6; não desenhado).

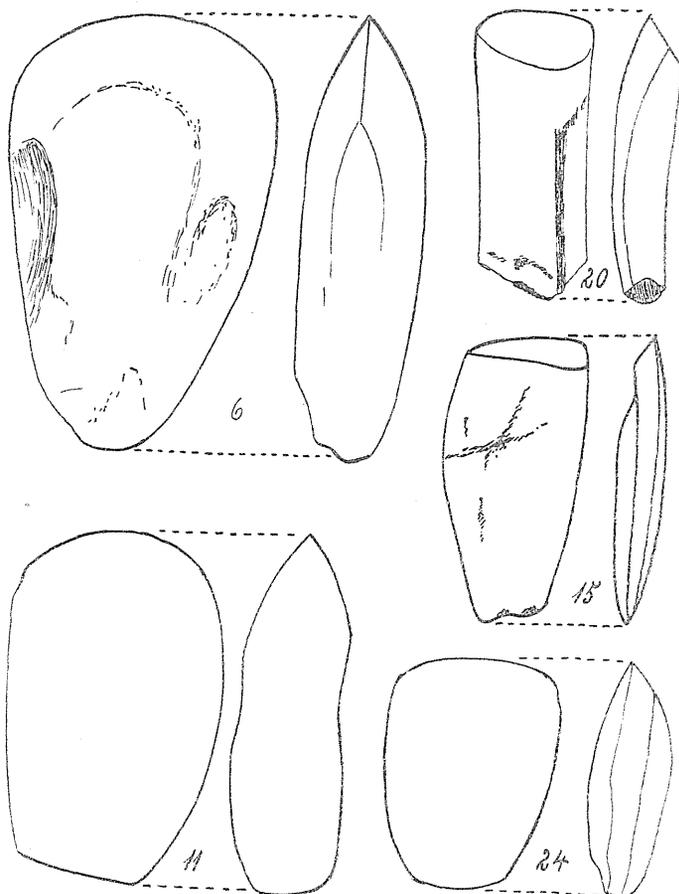


Fig. 13 — N.ºs 6, 11 e 15 — Túmulo n.º 6 do Buço Preto. N.º 20 — Túmulo n.º 1 da Eira Cavada. N.º 24 — Buço Preto — isolado.

Conta de colar, de calaite. Eixo maior  $0^m,017$ ; diâm. máx.  $0^m,0125$ ; diâm. do orifício  $0^m,0083$  a  $0^m,0078$  (Fig. 20, n.º 6; Est. XII, 13).

TÚMULO N.º 2. — Situava-se quase à beira do caminho e estava completamente destruído. A sua mamoa devia ter ficado quase tangente à do n.º 1. Actualmente, o terreno está raso, em rocha viva, muito lavado das chuvas. À superfície colhemos dois pequeninos fragmentos de facas, de sílex rosado.

#### Investigações de 1949

EIRA CAVADA — De 18 a 27 de Outubro fomos de novo à *Eira Cavada*, a fim de explorarmos os restos da terceira mamoa que ali observáramos no ano anterior. Estava junto das duas já escavadas e não deu qualquer espólio (Fig. 8; Est. VII, 1 e 2). Media quase dois metros de comprimento por um de largura. Uma só laje na cabeceira, como é de regra, e também um único esteio do lado direito, com 1<sup>m</sup>,80 de comprimento por 0<sup>m</sup>,60 de altura máxima — um dos maiores esteios de quantos vimos nestas necrópoles.

MIRANTE DA MATA — Neste local onde, em 1927, haviam sido abertas quatro cistas de tipo argárico <sup>(11)</sup>, descobrimos agora três túmulos rectangulares que nada mais forneceram além de minúsculos bocaditos de cerâmica, sem particularidade mencionável.

Não deixamos, todavia, de fixar em planta e fotograficamente os dois cujo estado de conservação era melhor (Figs. 6 e 7; Ests. VI, 1 a 6, e VII, 3 e 4).

Um deles, ao qual apomos o n.º 1, enfileira entre os grandes, visto medir 2<sup>m</sup>,85 de comprimento por 0<sup>m</sup>,90 de largura máxima. É do tipo rectangular mas, devido à irregularidade do terreno, os esteios acham-se mal alinhados. No entanto, a sua construção foi

---

(11) Vid. *Estudos Arqueol. nas C. de Monchique*, Porto, 1953. Pág. 77 da Separata.

relativamente cuidada, tanto assim que estão reforçados vários esteios, mediante a colocação de outros pela banda de fora, além

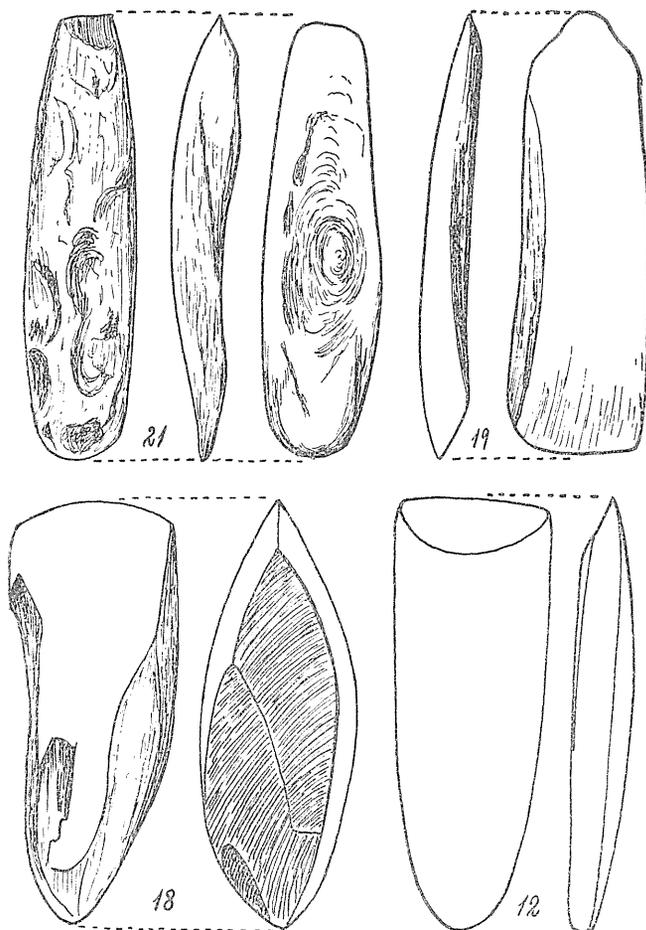


Fig. 14 — N.º 12 — Túmulo n.º 6 do Buço Preto; n.ºs 18, 19 e 21 — Túmulo n.º 1 da Eira Cavada.

de terem arranjado esteios aproximadamente da mesma altura, o que raramente acontece nos demais túmulos da região monchiquense.

NECRÓPOLES ARGÁRICAS DA VAGAROSA E DA FOZ DO  
FARELO — Em 1937 tínhamos examinado neste sítio uma cista

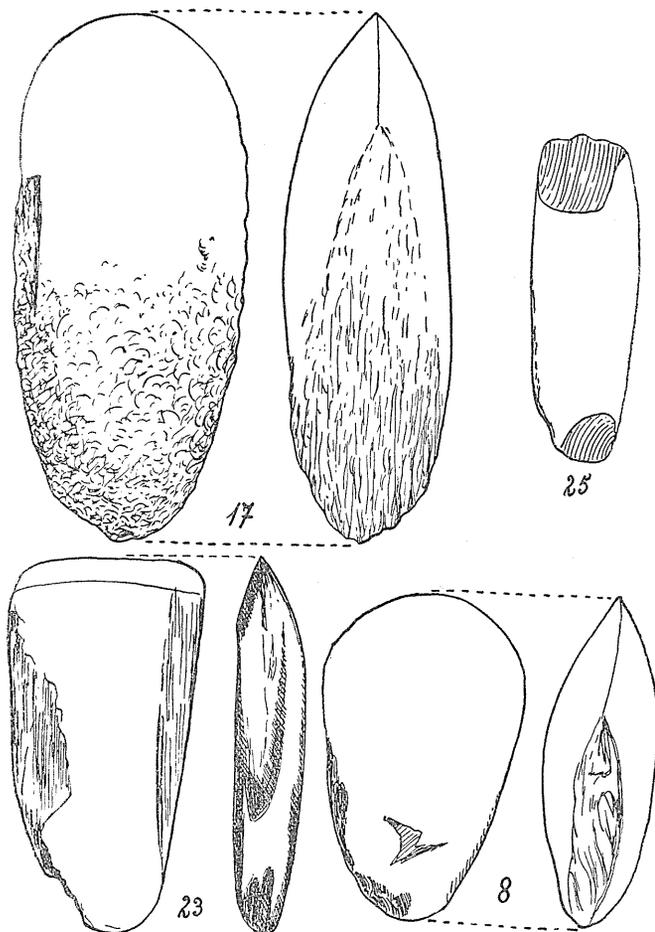


Fig. 15 — N.º 8 — Túmulo n.º 6 do Buço Preto. N.º 17 — Túmulo n.º 1 da Eira Cavada. N.º 23 — Túmulo n.º 7 do Buço Preto. N.º 25 — Buço Preto — isolado.

sem tampa, já violada e completamente vazia. Cavando ao lado, achamos outra, intacta, mas que nada continha, senão terra.

Agora, isto é, em 1949, localizamos mais seis (Est. VII, 5 e 6), três das quais invioladas e as restantes com falta de algumas lajes. Na fig. 9 apresentamos a disposição das oito sepulturas, achando-se indicadas por linhas tracejadas as duas de 1937. O único objecto achado foi um pingente de barro, em forma de sanguessuga, ou pequenino chouriço, idêntico a outro da necrópole argárica de Alcaria (Fig. 20, n.º 19). São um pouco mais pequenos que os de bronze, da mesma época.

Na *Foz do Farelo*, local situado cerca de 8 quilómetros ao norte da vila de Monchique, acharam-se quatro cistas (Est. VIII) cujo espólio foi nulo.

### CONCLUSÕES

Em consequência destas últimas pesquisas, o número de túmulos inclusos em mamoadas elevou-se para 35, assim distribuídos: *Roncovo*, 1; *Olival de Júdice Samora*, 1; *Buço Preto*, 7; *Palmeira*, 16; *Quinta da Francesa*, 3; *Navete*, 1; *Eira Cavada*, 3; *Mirante da Mata*, 3.

O espólio recolhido é constituído por: machados de pedra polida, 52; enxós, 43; goivas, 6; escopros, 3; cinzéis, 2; percutor, 1; facas de sílex e de outras rochas, 54; micrólitos trapezoidais, 77; micrólitos triangulares, 2; pequenos furadores de sílex, 5; pontas de seta, 21; contas de colar, grandes, 12; conta de nácar, 1; pequenas contas discóides, de xisto («rondelles»), 1.531; vasos cerâmicos, mais ou menos completos, 21 e muitos fragmentos de outros; pequenas mós de mão, 3; pequenos pilões, 2; ídolos-placas, de xisto, fragmentados, 3; e um exemplar de cada uma das seguintes espécies de objectos: braçal de arqueiro, de xisto; pingente de colar, de serpentina; pingente de barro, fragmento de recipiente de barro, oblongo; fragmento de tampa de recipiente de barro; pequenino alisador de pedra polida; lasca raspadeira;

lasca residual, de sílex; bloco de hematite (corante vermelho); machado de bronze; fragmento de ponta de seta, de sílex; pedaço de tecido de linho. Total: 319 objectos, mais 1.531 pequeninas contas de colar.

Não entra na conta a grande quantidade de pequeninos cristais de rocha (quartzo hialino) achados em alguns dos túmulos do Buço Preto.

As cistas de tipo argárico passaram de 29 para 39, mas o reduzido espólio nelas obtido apenas fica acrescentado com mais um pingente de barro, do tipo de sanguessuga.

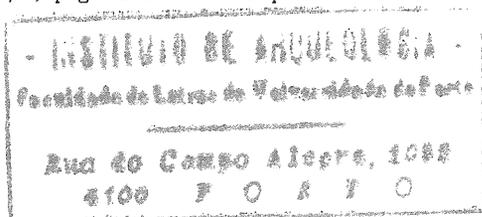
A imensa maioria das cistas desta época não contém mobiliário fúnebre, tanto no Algarve como no Baixo Alentejo. Nos terrenos ácidos as ossadas desapareceram; nos outros é frequente acharem-se os esqueletos dobrados, ou encolhidos, mas não resistindo ao mínimo choque.

As cistas de tipo argárico são abundantíssimas em muitas partes do Algarve e Alentejo meridional, nomeadamente nas zonas de Portimão, Aljezur, Castro Marim, Mértola e ao sul e poente de Beja, quase sempre sem espólio. Nas raras vezes em que o há, é constituído por uma pequena urna, ou por esta e um pequeno punhal de cobre.

Que saibamos, a cista deste tipo que até hoje se encontrou mais para o Norte foi a examinada por A. Viana, em Outubro de 1952, próximo da estação do caminho de ferro de Alvito.

É de registar o aparecimento, nas cistas das Caldas, dos tais pingentes de barro, em forma de chouriço. Em outro trabalho nosso <sup>(12)</sup>, deixamos enumeração dos exemplares de que temos conhecimento directo ou bibliográfico, feitos de bronze, achados quase sempre ainda enfiados na argola com a qual for-

(12) *Estudos Arqueol. nas C. de Monchique*, págs. 134-136 da Separata.



mam colar ou pulseira bastante pesada. São eles de: Lagoa (Algarve), existente no Museu de Faro; Mértola, Condeixa-a-Velha, Castro de Cendufe (Arcos de Valdevez), Monte Redondo (Alter do Chão) e Alcácer do Sal, pertença do Museu Etnológico, de Belém — todos citados por José Leite de Vasconcelos <sup>(13)</sup>, que

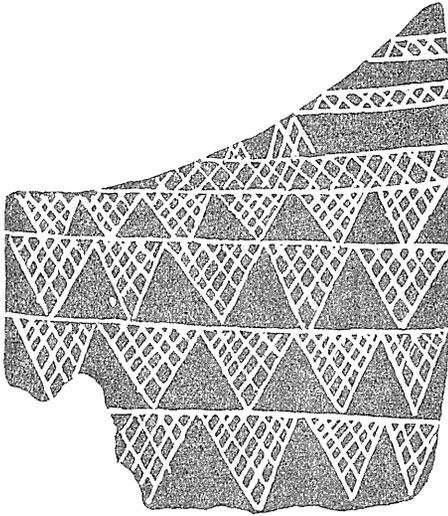


Fig. 16 — Ídolo-placa (frente) do túmulo n.º 7 do Buço Preto.

os classificou de «xorcas» e os atribuiu ao 2.º período da Idade do Ferro.

Sobre isto não há que duvidar, mas estes achados das Caldas de Monchique parecem provar que no 2.º período do Bronze mediterrânico (Argárico) existia um protótipo, de barro.

Aos exemplares de bronze atrás mencionados podemos hoje ajuntar o pertencente ao coleccionador bejense, José de Mendonça Furtado Januário, o qual foi achado no sítio denominado Terras Frias, dos arredores de Beja <sup>(14)</sup>.

De Espanha, conhecemos um idêntico, extraído da sepultura n.º 6 da necrópole de *Agullana* <sup>(15)</sup>.

<sup>(13)</sup> «O Archeólogo Português», XXVIII, págs. 158-200.

<sup>(14)</sup> Inédito. Ignoramos as circunstâncias em que foi encontrado. Sabe-se, apenas, que foi achado por cavadores, quando, há quatro anos, se enterrou a conduta das águas dos novos poços de abastecimento da cidade.

<sup>(15)</sup> «Ampurias», V, pág. 204, Fig. 3.

E mais não diremos acerca destas coisas relativas ao Bronze II Mediterrânico.

O material dos túmulos sob mamoadas enseja mais considerações.

Antes da descoberta do túmulo n.º 7 do Buço Preto, apenas se encontrara, num dos túmulos da Palmeira, uma única ponta de seta — por sinal que reduzida a metade. O sétimo do Buço Preto, porém, independentemente da sua forma característica, à parte dos restantes, que são rectangulares, ou elipsoidais, ou ligeiramente trapezoidais (talvez por simples deficiência na realização da forma rectangular), e muito embora tivesse um mobiliário idêntico ao dos outros túmulos, diferenciou-se dos demais pelo elevado

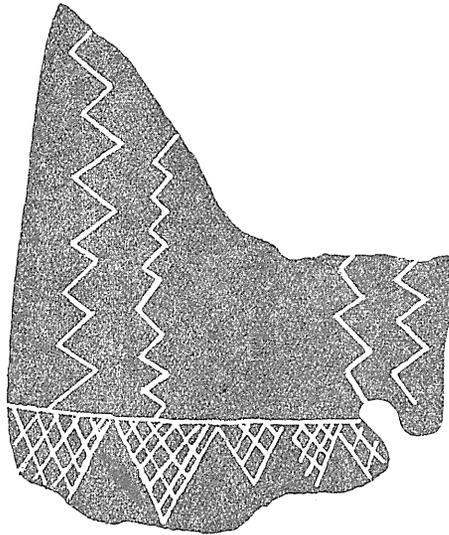


Fig. 17 — Ídolo-placa (face posterior) do túmulo n.º 7 do Buço Preto.

número de pontas de seta que forneceu, sendo que este elemento, nos outros túmulos, está substituído pelo micrólito trapezoidal.

Mas é de notar que ambos os elementos — ponta de seta e trapézio — coexistem neste túmulo n.º 7 do Buço Preto, e que o trapézio mostra, como na grande maioria dos recolhidos nos outros túmulos, uma reentrância, ou concavidade, na base menor. (Vid. Est. XII, n.ºs 2 a 5).

Ignoramos se em outras estações portuguesas têm aparecido micrólitos trapezoidais com tal particularidade e, quanto ao estran-

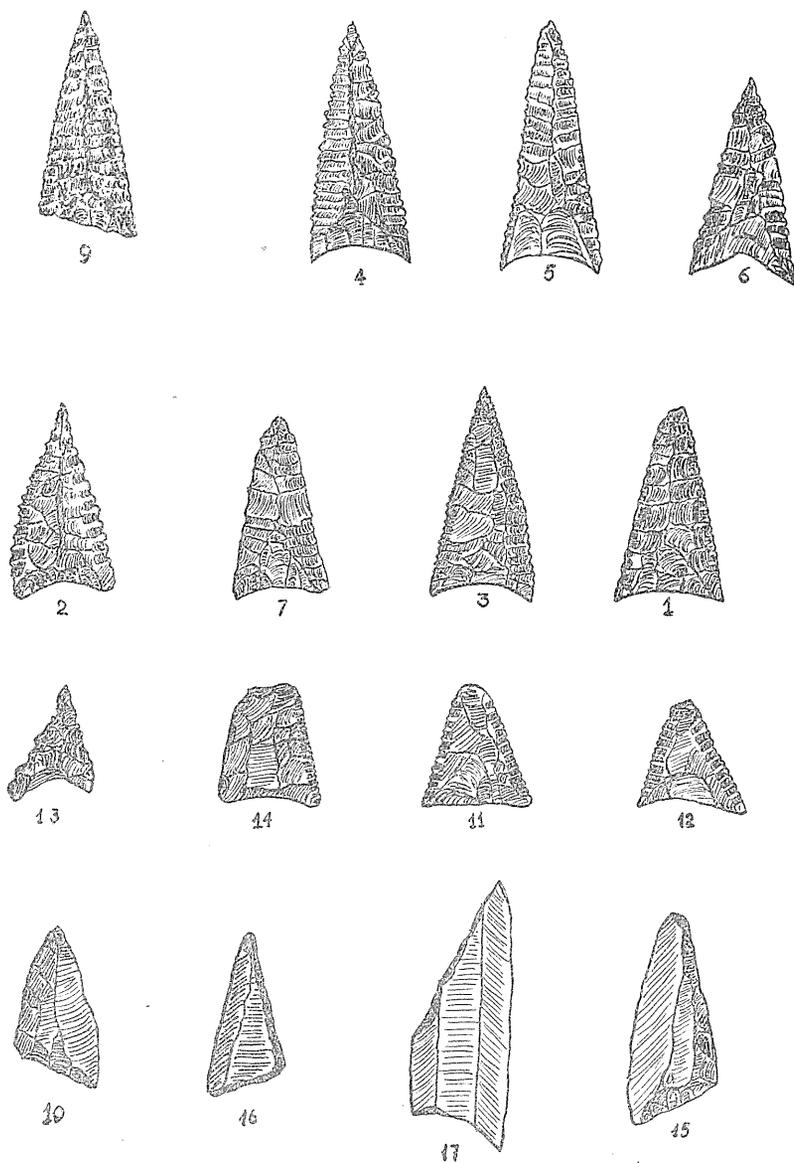


Fig. 18 — Pontas de seta do túmulo n.º 7 do Buço Preto.

geiro, sòmente sabemos de um exemplar de uma estação francesa (16).

Igualmente digno de registo se nos afigura o facto de os instrumentos líticos (machados, enxós, goivas, etc.) serem quase sempre fabricados de rochas da região: a *corneana*, de que é feita mais de metade dos exemplares, o *sienito*, o *sienito micro-granular* e o *monchiquito*; mais raros o *xisto rijo*, o *xisto metamórfico*, o *xisto zonado*, o *basanito*, a *anfíbolite* e o *quartzito*.

A grande maioria das facas, pontas de seta e trapézios é de sílex cinzento, seguindo-se, por ordem decrescente, o acastanhado, o amarelado e o brancacento. Há uma faca de sienito micro-granular, outra de quartzo leitoso e outra de calcedónia.

Nas doze grandes contas de colar há cinco de serpentina, duas de xisto, uma de calaíte branca, outra de calaíte azul e outra de calaíte verde.

Achado curioso, que se não tem, segundo cremos, apontado claramente em estações portuguesas, é o das três lajes anicónicas do túmulo 7 do Buço Preto (Est. IV, 4). A posição em que encontramos estas pedras — encostadas aos esteios do átrio, ou vestíbulo, e na posição vertical, mas sem fazer parte integrante da parede — não nos permite dúvidas sobre o seu significado. São semelhantes às que A. Viana descobriu em 1931, dentro de uma gigantesca mamoa pelo mesmo explorada em Carreço, concelho de Viana do Castelo (17).

---

(16) Ed. Giraud e Ed. Vignard — *Un Rendez-vous de Chasse Mésolithique — Les Rochers — Commune d'Auffargis (Seine-et-Oise)*, tomo XLIII, Paris, 1946. Pág. 254, n.º 37.

(17) Abel Viana — *A Cova da Moura*. Comunicação apresentada ao III Congresso Arqueológico Nacional (de Espanha) — Galiza, 1953. Em publicação.

A identificação em Carreço fez-se mediante confronto com os exemplares publicados por Octobon (18).

Convencemo-nos de que, apesar de certa diferenciação na arquitectura dos túmulos entre si, e nos espólios, todos estes monumentos são mais ou menos da mesma época ou, mais precisamente, supomos que entre a idade do mais antigo e a do mais recente não deve ter decorrido grande lapso de tempo.

Todos mostram o micrólito trapezoidal, inclusive aquele da Quinta da Francesa, que continha o machado de cobre, único objecto metálico achado nestas necrópoles (19).

À pequenina conta discóide, de xisto, e o «braçal de arqueiro» acompanham a cultura campaniforme, este último mais ou menos por toda a parte e aquela desde o Sul da França, disseminando-se pela Península, embora em Espanha elas se apresentem feitas de outras espécies de rocha, tais como a esteatite e a calaíte (20).

Leisner diz-nos que a conta ovalada, de calaíte, é das peças mais comuns nos espólios dos primeiros tempos dos metais, no nosso país; e que o pequenino disco de xisto abunda nos dólmenes de corredor alentejanos, como a Anta da Comenda da Igreja, a Anta Grande da Ordem, a Anta da Capela, e ainda nalgumas grutas artificiais e sepulturas de falsa cúpula (21).

---

(18) Commandant Octobon — *Enquête sur les figurations néo- et enéolithiques — Statues-menhirs, stelles gravées, dalles sculptées*, in «Revue Anthropologique», n.º 10-12, Dezembro de 1931.

(19) Ou «nesta necrópole». A distância entre todos estes sítios onde exploramos mamoas não é grande. Nada impede, cremos, que todos estes locais não tenham sido mais que uma única necrópole, embora com intervalos de certa extensão, onde se não construíram túmulos.

(20) Alberto del Castillo — *El Neoneolítico*, in «Historia de España», dirigida por Menendez Pidal. Vol. I.

(21) Georg Leisner — *O dólmen de falsa cúpula de Vale de Rodrigo*, Coimbra, 1944. Pág. 21.

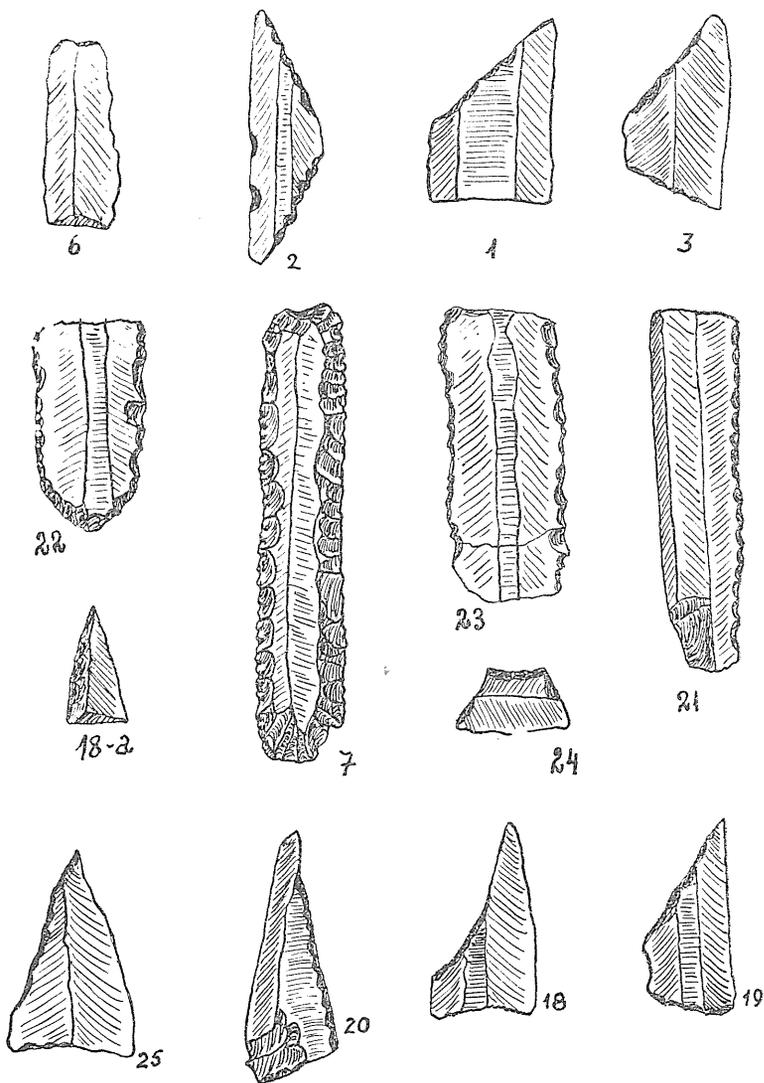


Fig. 19 — N.ºs 14, 15, 17, 18, 19, 21, 22 e 23 — Túmulo n.º 7 do Buço Preto.  
 N.ºs 1, 2, 3, 6 e 20 — Túmulo n.º 6 do Buço Preto.

O mesmo arqueólogo entende que a goiva é instrumento típico da época do cobre, em Portugal, mais per-

tendente à cultura das grutas que à das populações megalíticas (22).

A presença, tão ponderosa, do trapézio de sílex não consegue, em nosso entender, sobrepor sua feição arcaizante num conjunto lítico que, conforme se vê, tem cronologia regularmente definida.

A cerâmica, lisa toda ela, de formas esferoidais e de paredes bastante finas, por si só, e ainda que não tivesse aparecido o machado de cobre, não permitiria que se consignasse aos túmulos das Caldas de Monchique uma época anterior à do início dos metais.

Assim o pensamos antes do aparecimento do sétimo túmulo do Buço Preto, o qual, em nosso entender, corrobora a atribuição cronológica que havíamos feito a estas necrópoles.

Quase todos os tipos de ponta de seta dos túmulos das Caldas se repetem na estação de Alcalar, sendo que três deles são comuns às do espólio de Nora e outros são comuns aos de Aljezur.

Não andaremos, pois, longe da verdade, se dissermos que as necrópoles de Monchique são posteriores ao monumento de Nora e imediatamente precedentes aos de Alcalar. Datarão, portanto, de cerca do ano 2000 a. C.

Deixamos de registrar os vestígios de alguns túmulos e mamoas, por motivo de serem já extremamente reduzidos.

Após a exploração, tivemos o cuidado de consolidar os túmulos, e até de os cobrir com terra, nos poucos casos em que foi possível seguir tal prática, pois o que mais abunda ali é o rochedo. Convencemo-nos, todavia, de que muito em breve pouco ou nada deles restará.

---

(22) *Op. cit.*, pág. 18.

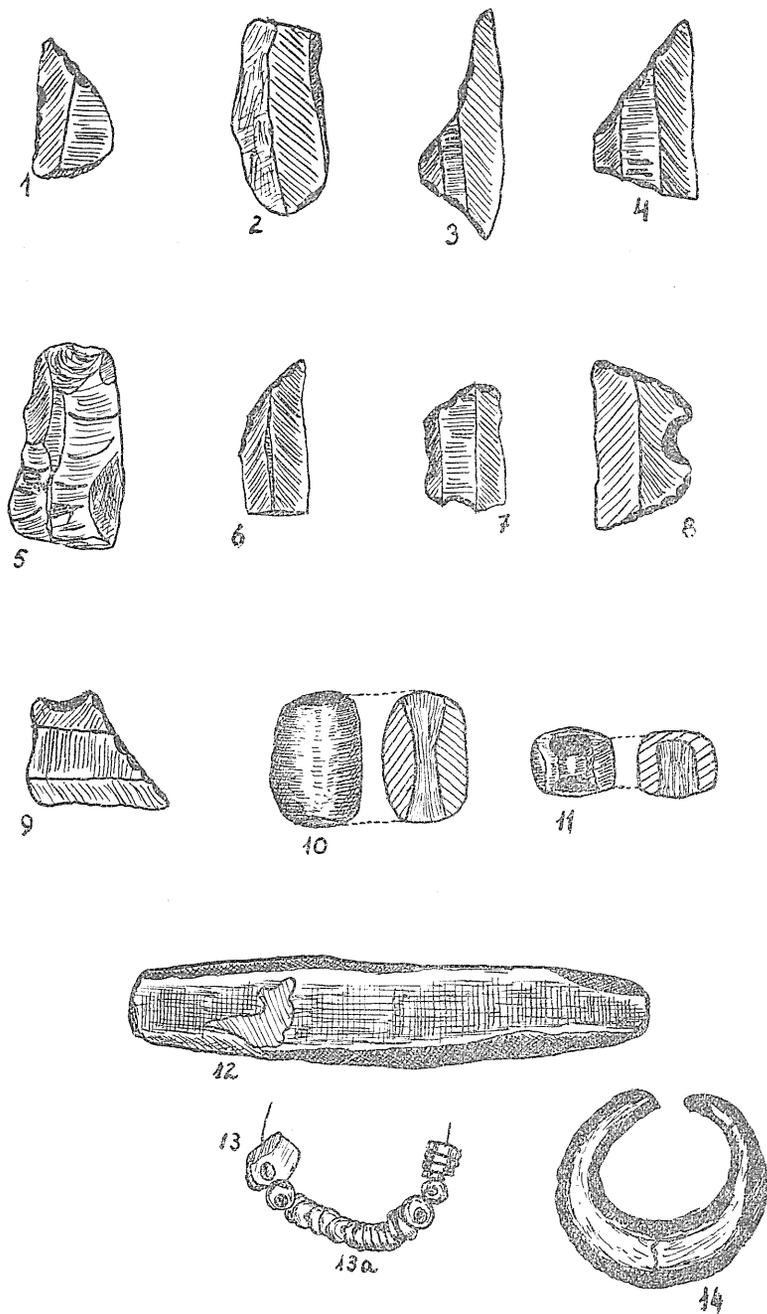


Fig. 20 — N.os 1, 3, 4, 6, 9 e 10 — Túmulo n.º 1 da Eira Cavada; n.os 5, 7, 8 e 12 — Túmulo n.º 6 do Buço Preto; n.os 11 e 13 — Túmulo n.º 7 do Buço Preto; n.º 14 — Pingente em barro da necrópole argárica da Vagarosa.

Mais importantes, do ponto de vista monumental, eram muitos dos magníficos dólmenes alentejanos, e os famosos sepulcros de Alcalar e, não obstante isso e o serem protegidos por uma lei do Estado, foram impiedosamente devastados e destruídos. Por isso, não achamos demasiada a quantidade de fotografias em que pretendemos fixar o mais elevado número de pormenores.

Embora a serra do Algarve esteja menos atreita a uma rápida invasão da maquinaria agrícola, na formidável amplitude com que, neste momento, se está verificando no Alentejo, seria da máxima conveniência para a arqueologia peninsular fornecer os indispensáveis meios a investigadores competentes, a fim de se explorar, antes que tudo fique irremediavelmente aniquilado, essa zona montanhosa cuja riqueza arqueológica fica demonstrada pelas nossas investigações de Monchique e pelos achados ocasionais do Ameixial, a aldeia serrana em que tantas e tão preciosas coisas se têm encontrado, sem que nunca alguém lá fosse, com meios materiais e competência científica para uma exploração séria.

Relativamente às Caldas de Monchique, fizemos o que nos foi permitido levar a cabo, graças, sobretudo, ao franco apoio da Direcção Geral de Minas e Serviços Geológicos e ao Instituto de Alta Cultura, entidades a que rendemos profundo reconhecimento.



1



4



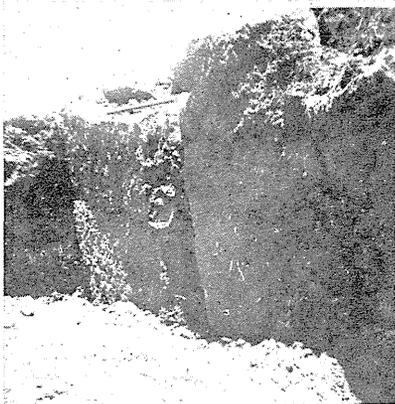
2



5

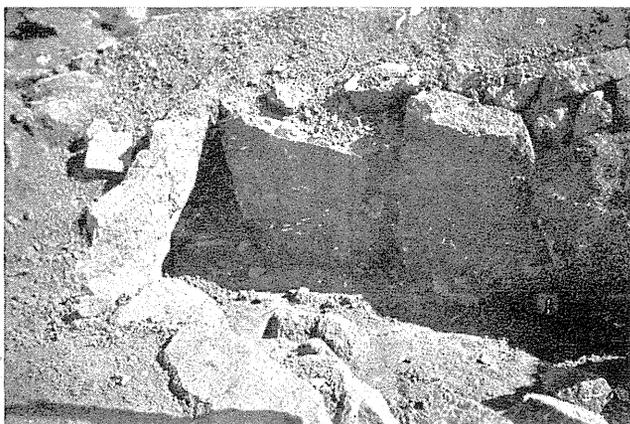


3

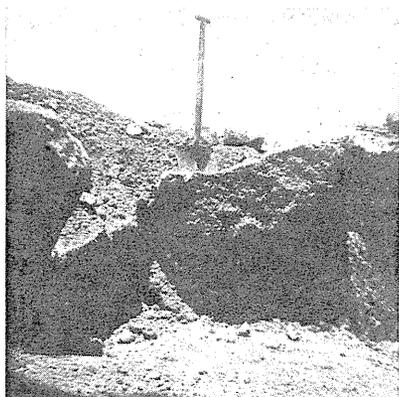


6

*Túmulo n.º 7 do Buço Preto: 1 — Parte superior da mamoa, antes de ser escavada; 2 a 6 — Pormenores do túmulo, após a exploração.*



*Buço Preto*: 1 — Túmulo n.º 7; 2 — Túmulo n.º 1.



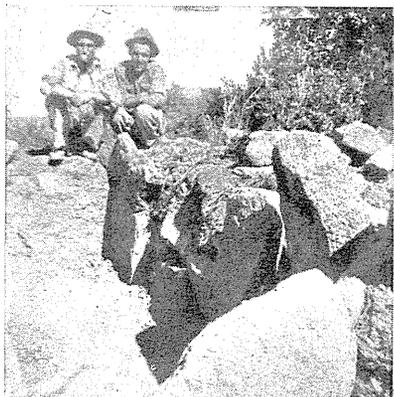
1



4



2



5



3



6

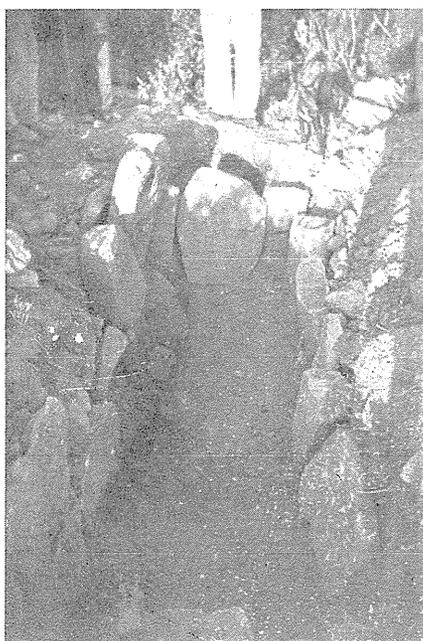
*Buço Preto*: 1 e 2 — Pormenores do túmulo n.º 7; 4 — Parte superior da mamoa do túmulo n.º 6, antes da exploração; 3, 5 e 6 — Pormenores do túmulo n.º 6.



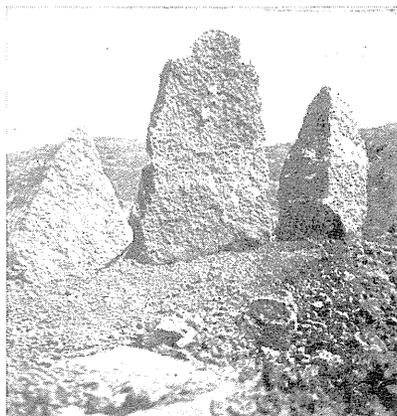
1



3



2

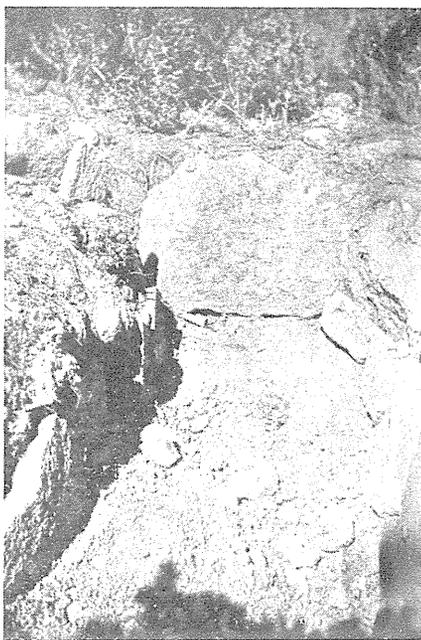


4

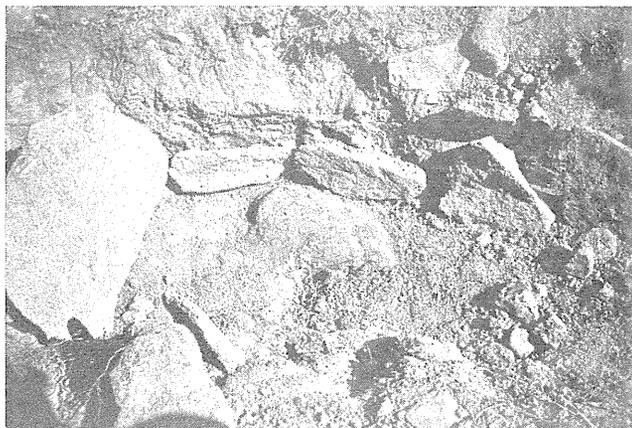
*Buço Preto*: 1 e 3 — Túmulo n.º 7; 2 — Túmulo n.º 6; 4 — Pedras anicónicas do túmulo n.º 7.



1

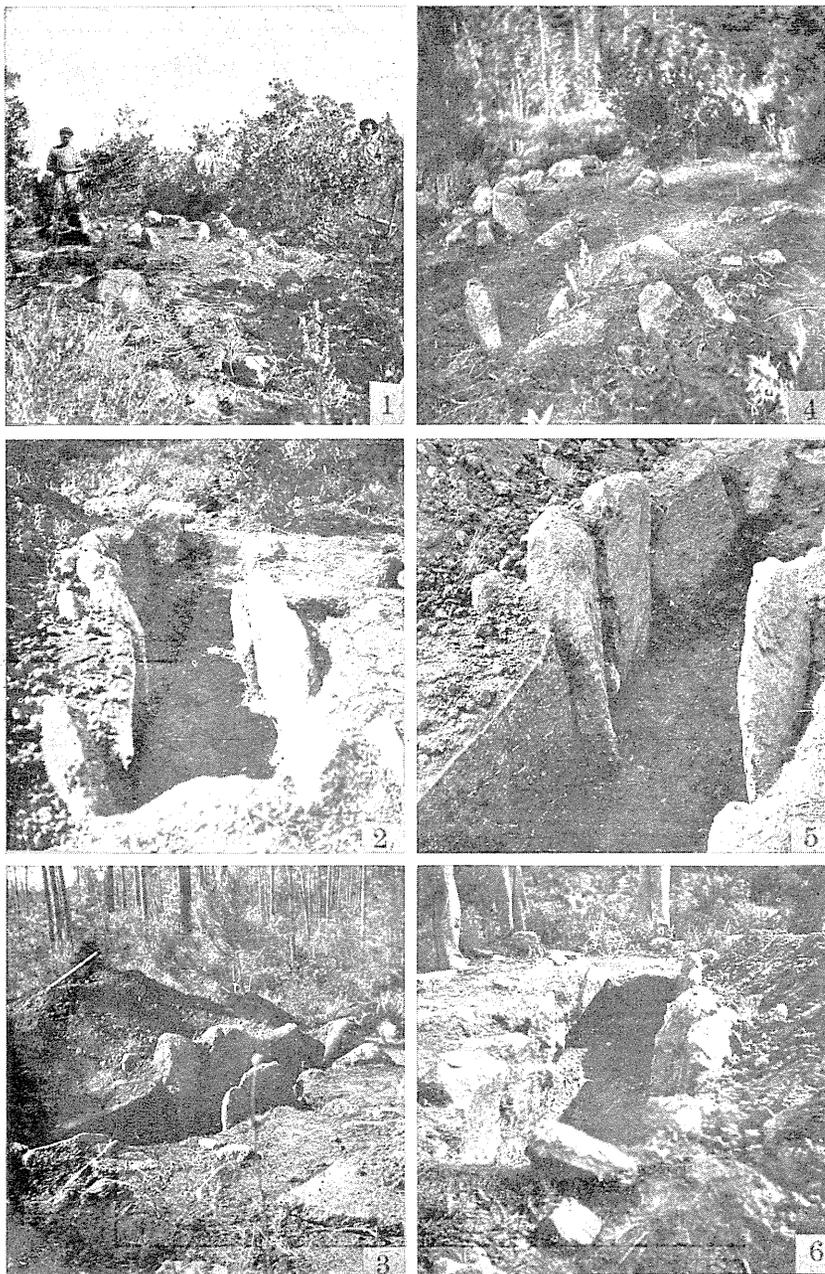


2

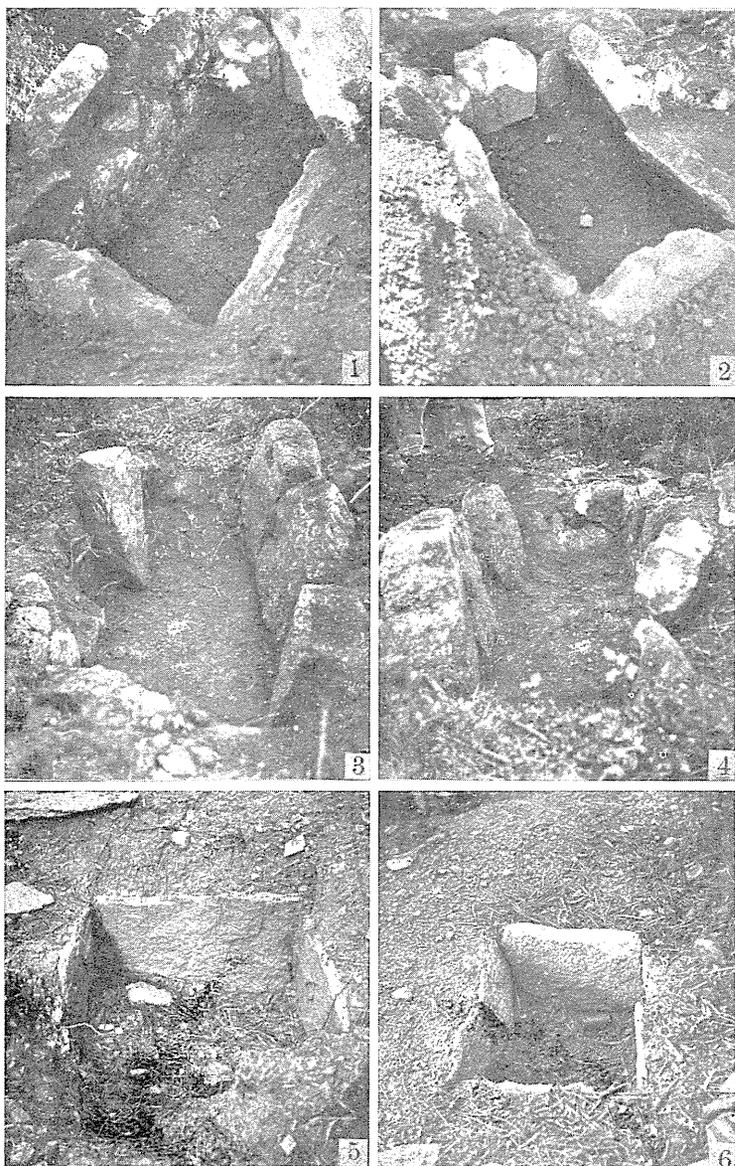


3

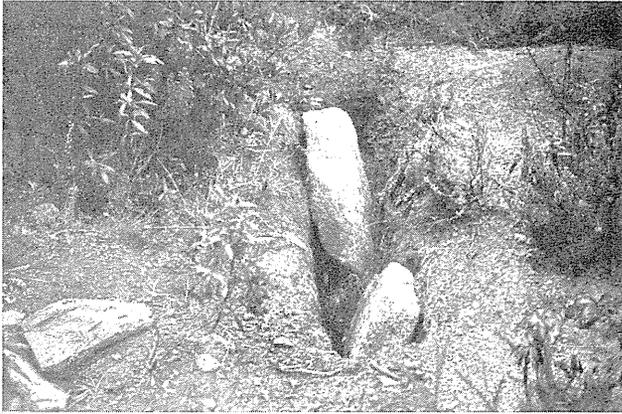
1 — Túmulo n.º 6 do Buço Preto; 2 e 3 — Túmulo n.º 1 da Eira Cavada.



*Mirante da Mata: 1 — Mamoa do túmulo n.º 1; 2 e 5 — Túmulo n.º 1; 4 — Mamoa do túmulo n.º 2; 3 e 6 — Túmulo n.º 1.*



1 e 2 — Túmulo n.º 2 da Eira Cavada; 3 e 4 — Túmulo n.º 2 do Mirante da Mata;  
5 e 6 — Cistas da Vagarosa.



1

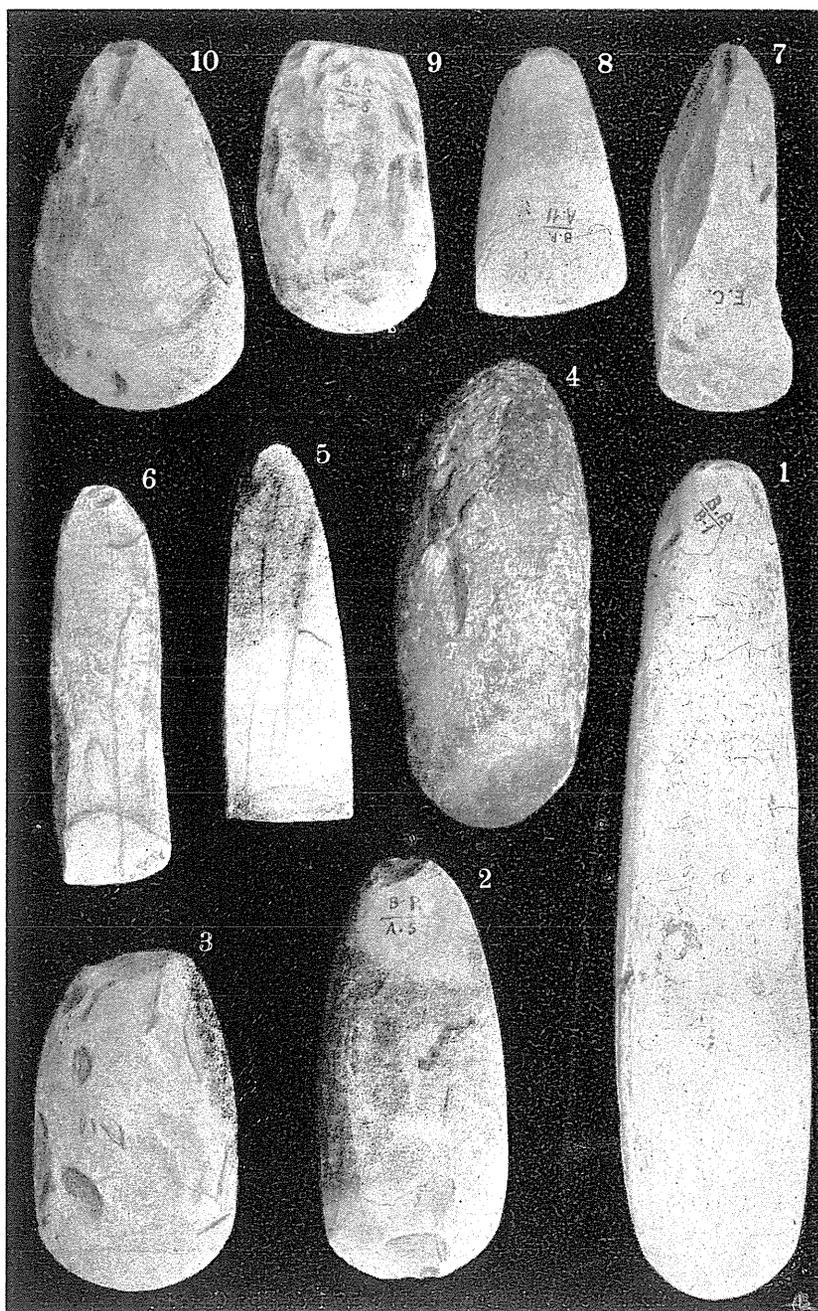


2

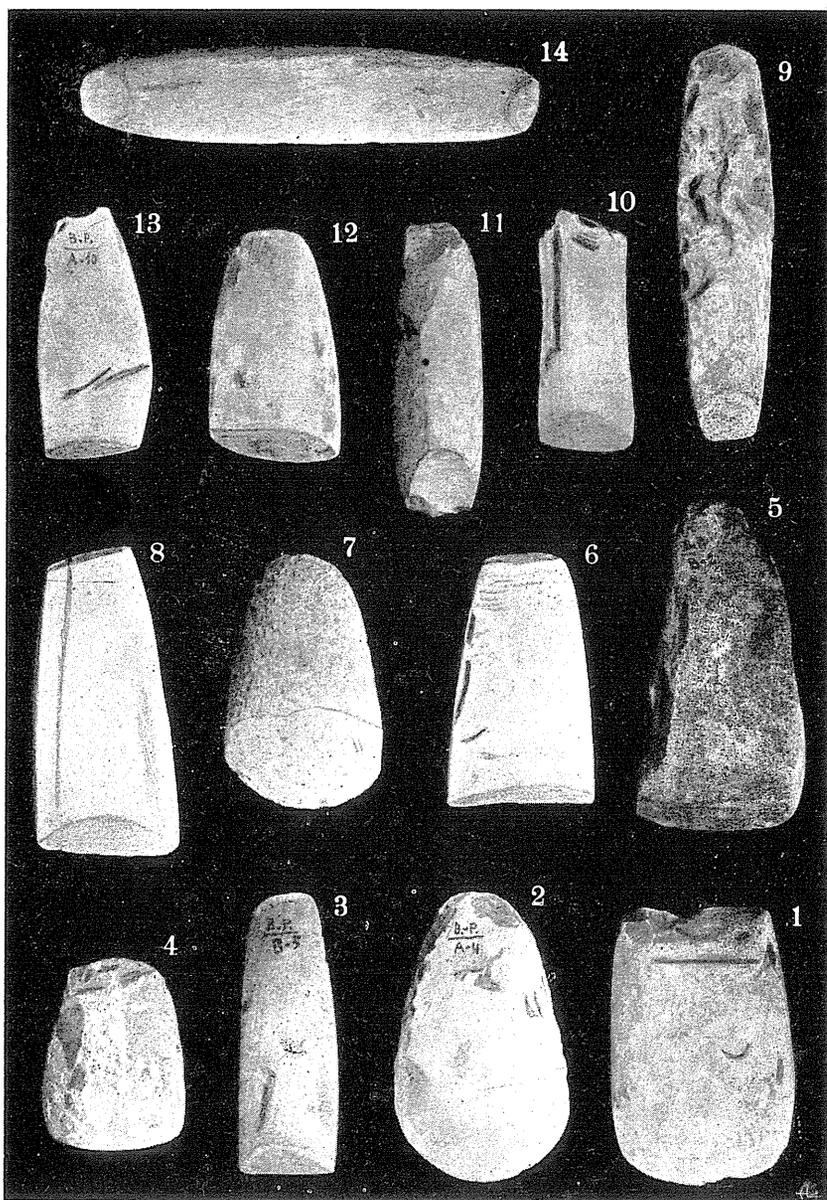


3

*Necrópole argárica do Foz do Farelo*: 1 — Sepultura com a tampa, de sienito, caída dentro; 2 — Cobertura de uma cista, da qual fazia parte uma laje (ao centro) de significado antropomórfico; 3 — Tamanho médio das lajes laterais das cistas.

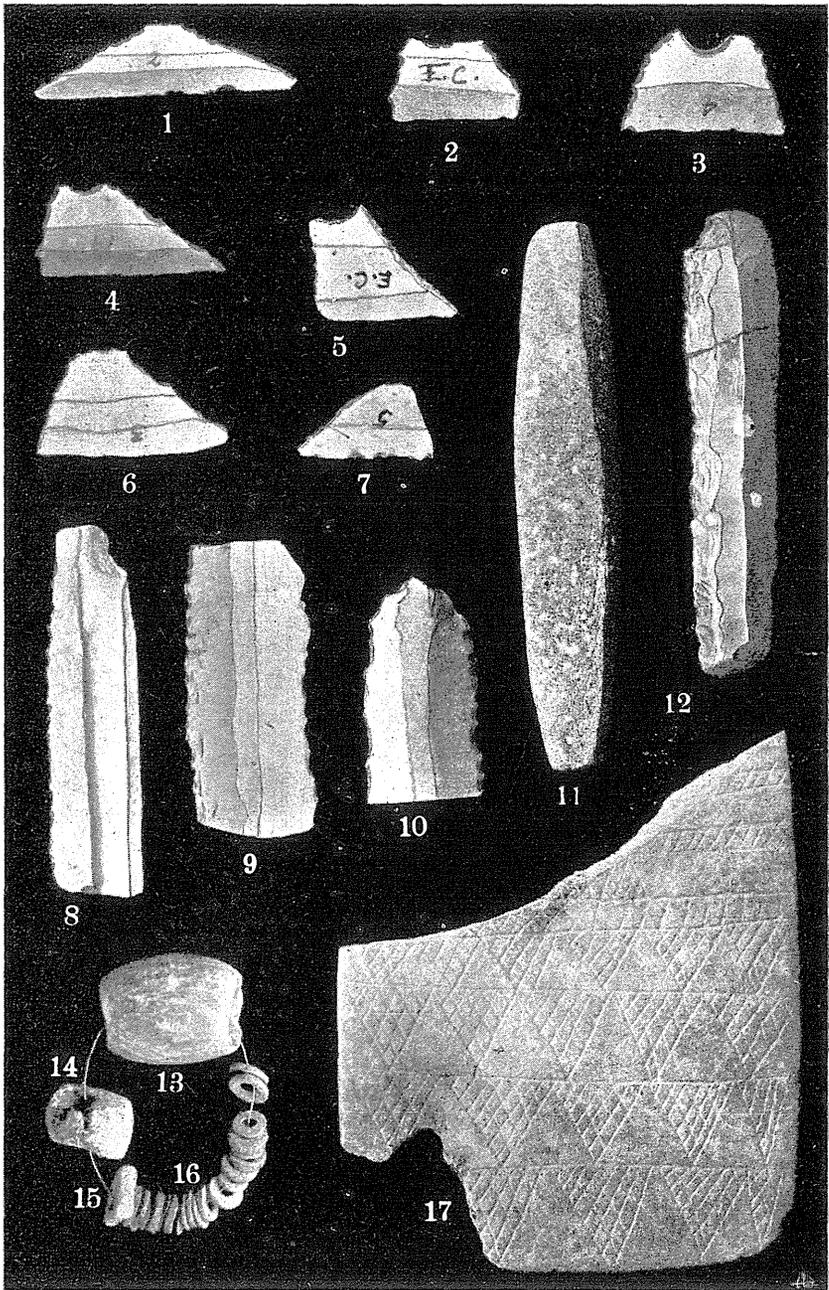


Túmulos 6 e 7 do Buço Preto e n.º 1 da Eira Cavada.



Túmulos 6 e 7 do Buço Preto e n.º 1 da Eira Cavada.





Túmulos 6 e 7 do Buço Preto e n.º 1 da Eira Cavada.